

LITURGIA DAS HORAS

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM TEOLOGIA
Área de concentração: Liturgia

por

HARRY RAUL BOENING

em cumprimento parcial das exigências
do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia
para obtenção do grau de
Mestre em Teologia

Escola Superior de Teologia
São Leopoldo, RS, BRASIL
Junho de 2003

BOENING, Harry Raul. *Liturgia das Horas*. São Leopoldo; Escola Superior de Teologia, 2003.

SINOPSE

Esta monografia relata o fenômeno universal da Liturgia das Horas desde os primórdios descritos na Bíblia até hoje. História sua utilização e importância, expõe os objetivos de sua prática pelas comunidades primitivas e elucida sua natureza de caráter horário.

Aborda o significado da Liturgia das Horas, sua estrutura relacionada ao ritmo das horas, seus princípios embasadores, suas reformas e evoluções.

A parte prática contém recursos e tópicos imprescindíveis com relação ao celebrante, local e símbolos litúrgicos. Apresentam-se modelos e balizas a serem utilizadas na moldagem deste tipo de celebração.

BOENING, Harry Raul. *Liturgia das Horas*. São Leopoldo; Escola Superior de Teologia, 2003.

ABSTRACT

This paper discusses the universal phenomenon of the Liturgy of the Hours from its biblical beginnings up to the present. It describes its use and importance as well the purpose of its practice by the early church. It also clarifies its nature as an hourly Liturgy.

It explains the meaning of the Liturgy of the Hours, its structure connected with the hourly rhythm, its basic principles, reforms and development.

The practical section contains essential resources and issues related to the worship leader, the place and liturgical symbols. It presents models and guidelines for the shaping of this kind of celebration.

Orei então a Iahweh:

"Iahweh, meu senhor!

Não destruas o teu povo, a tua herança!

Tu o resgataste com tua grandeza;

Tu o fizeste sair do Egito com mão forte!"

Dt 9.26

Vigiai e orai

para que não entreis em tentação,

pois o espírito está pronto,

mas a carne é fraca.

Mt 26.41

Ele saiu e, como de costume,
dirigiu-se ao monte da Oliveiras.

Os discípulos o acompanharam.

Chegando ao lugar, disse-lhes:

Orai

para não entrardes em tentação.

Lc 22.40

*"Hoje tenho muito a fazer
portanto hoje vou precisar*

orar muito."

Martin Luther

SUMÁRIO

Sinopse.....	02
Abstract.....	03
Introdução.....	06
1. A ORAÇÃO NA BÍBLIA E NAS COMUNIDADES CRISTÃS	
1.1- Definições e conceitos.....	08
1.2- A oração no Antigo Testamento.....	10
1.3- A oração na comunidade primitiva e Novo no Testamento...13	
1.4- A oração na comunidade atual.....	15
1.5- A oração ininterrupta.....	16
2. SIGNIFICADO E ESTRUTURAS DA LITURGIA DAS HORAS	
2.1- Da natureza da Liturgia das Horas.....	21
2.2- O sentido da Oração ao ritmo das horas.....	22
2.3- Os cinco princípios da estrutura da Liturgia das Horas..26	
2.4- As primeiras estruturas.....	28
2.5- A evolução e mudanças da Liturgia das Horas.....	31
2.6- Lecionário.....	35
2.7- Estrutura básica da Liturgia das Horas...,.....	36
3. A PRÁTICA DA LITURGIA DAS HORAS	
3.1- Considerações iniciais.....	38
3.2- Dos horários de celebração.....	39
3.3- Elementos estruturais básicos da Liturgia das Horas....42	
3.4- Celebrantes, local, símbolos, objetos.....	45
3.5- Modelos.....	46
3.5.1- Oração do amanhecer (<i>LAUDES</i>).....	47
3.5.2- Oração do amanhecer, abreviada (<i>LAUDES</i>).....	48
3.5.3- Oração do entardecer (<i>VESPERAS</i>).....	49
3.5.4- Oração do entardecer, abreviada (<i>VESPERAS</i>).....	50
3.5.5- Oração ao anoitecer (<i>LUCERNÁRIO</i>).....	51
Conclusão.....	53
Bibliografia.....	54

Introdução

Sem nos darmos conta, nossa vida é uma constante súplica. Os desejos e intenções permeiam nossa mente, mesmo que não os expressemos por meio de palavras. É bem verdade que, muitas vezes, expressamos estas nossas intenções sem refletirmos sobre o que dizemos. Fazemos isto automaticamente. Por exemplo, quantas vezes desejamos "bom dia" às pessoas que nos cercam e não damos a este "bom dia" uma conotação de um desejo sincero, no real sentido da palavra, o desejo de que esta pessoa tenha realmente um "bom dia".

O mesmo fato sucede quando oramos, por exemplo, o Pai-Nosso. Será que estamos realmente conscientes do significado e do real conteúdo que se escondem sob as palavras do Pai-Nosso? Muitas vezes, as palavras do Pai-Nosso são ditas de forma mecânica; dizemos as palavras mas a mente está longe, muito longe, divagando sobre outros assuntos ou problemas de nosso dia a dia.

Não é que não saibamos orar conscientemente. Normalmente, quando algo nos aflige, nos preocupa, fazemos uma oração individual, própria, exclusiva, pedindo a Deus que nos ajude e nos ouça. Nestas ocasiões, todas as orações, mesmo aquelas invocações de uso comum, são feitas de modo consciente.

Neste trabalho, abordamos o sentido da oração, assim como procuramos fazer uma retrospectiva do fenômeno orar, com referências ao ato de orar desde a antigüidade. Como base usamos os escritos sagrados do Antigo Testamento, bem como o sentido do orar conforme nos é apresentado por Jesus Cristo, que não só orou por nós, mas nos ensinou a orar. Cristo nos alertou sobre a necessidade de estarmos sempre alertas e orar para louvar, agradecer, pedir e interceder ao Deus Pai Todo Poderoso.

Além do aspecto de nos mantermos sempre em oração, de orarmos constantemente, apresentamos um outro enfoque, qual seja o relacionamento entre o orar e o tempo.

O tempo indiscutivelmente é um dos fatores de maior importância ou relevância, no mundo moderno. Para o homem de hoje tudo gira em torno do tempo. Antigamente o tempo era

referido ao dia, e isto fica bem claro ao lermos em Gn 1,1-2,4a, sobre a criação do mundo. Hoje, no dia a dia normal, quando nos referimos ao tempo, falamos em minutos e segundos, e, quando nos referimos a avanços científicos, a contagem do tempo passa para milionésimos de segundo.

O tempo também está relacionado com a oração, mais especificamente ao quando orar, o que também é abordado. Procuramos, inclusive, apresentar o sentido e a lógica com relação a estes tempos explícitos de oração. Estes tempos deram origem à Liturgia das Horas ou ao que é também conhecido como Oração Pública Diária.

Iniciamos nossa caminhada fazendo uma sucinta exposição sobre a oração na Bíblia e na comunidade primitiva, percorrendo uma trajetória enfocando a oração, conforme nela nos é relatado. Iniciamos no Antigo Testamento, passamos pelas comunidades cristãs primitivas sob a perspectiva do Novo Testamento, culminando com o surgimento da Liturgia das Horas, seu significado, sua evolução, mudanças e alterações no sentido de se adaptar em relação à natureza das horas. Isto tudo é apresentado em forma sucinta no primeiro capítulo.

No segundo capítulo, vamos nos deter numa análise sobre o significado, bem como a estrutura da liturgia das Horas. Fazemos referência à oração ininterrupta por parte da assembléia e analisamos o sentido das horas para a realização das orações, procurando deixar bem clara esta perspectiva por meio dos cinco princípios que dão fundamento à estrutura da Liturgia das Horas.

No terceiro capítulo, partimos para o mais importante conteúdo deste trabalho, qual seja, a prática da Liturgia das Horas. Ali está como organizar e preparar este tipo de celebração, quais os elementos básicos e indispensáveis em sua estrutura e seus respectivos enfoques, terminando com exemplos práticos de modelos para as celebrações da manhã, da tarde e do lucernário.

Os exemplos têm por objetivo nos mostrar a linha central ou as balizas que se tornam úteis para criar uma certa unidade na realização desta celebração. Como toda a liturgia deve ser moldada, os modelos apresentados não devem ser encarados como compulsórios; isto traria um caráter de engessamento. Os modelos simplesmente são apresentados como uma base sobre a qual se possa moldar uma celebração eficiente e objetiva e, especialmente, com um real sentido comunitário.

CAPÍTULO I
A ORAÇÃO NA BÍBLIA
E NAS COMUNIDADES CRISTÃS

1.1 - Definições e conceitos.

A oração, atividade e direito de todo o homem religioso, é fenômeno universal e patrimônio de todas as religiões. O homem comunica-se com a divindade, fonte de bênção, ajuda e bem; satisfaz sua infinita inquietude de infinito, eleva até ela coração e mente e invoca seu nome para que intervenha nos acontecimentos da história e nos fenômenos da natureza.¹

Xavier Pikaza afirma no *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo* que a oração é uma das grandes experiências do ser humano:² ela nasce no momento em que o crente, a luz da vida e da graça divina descobre e realiza sua própria vida. É por meio da oração que o ser finito se posiciona diante do ser infinito, de modo que os dois se encontrem e dialoguem.

A oração no universo das religiões é um fenômeno universal. Não há religião, em qualquer estágio de cultura, que desconheça o fenômeno da oração.³

Assim, de uma forma bem simplificada, pode-se afirmar que toda oração consiste num relacionamento, relacionamento este estabelecido entre o indivíduo orante e a divindade. Um fator relevante a ser considerado é que este relacionamento não se estabelece apenas com a palavra, mas também com gestos e fatos.

A oração é um gesto humano e pessoal: é a abertura criadora e livre da pessoa finita que ousa, concreta e praticamente dialogar com o mistério,⁴ e, ao mesmo tempo, é um gesto reverente: apresentando-se como um espaço de manifestação de Deus em nossa história.

¹ J.M.CANALS, *A oração na Bíblia*, p. 267.

² Xavier PIKAZA, *Oração*, p. 540a.

³ Matias AUGÉ, *Liturgia-História-Celebração-Teologia-Espiritualidade*, p. 254

⁴ Xavier PIKAZA, op. cit., p. 540a.

A oração é fenômeno religioso universal de co-municação com a divindade. Com ela o homem se ergue até Deus com o desejo de unir-se a ele, ou invoca o seu nome a fim de que ele intervenha nas vicissitudes da história e nos fenômenos da natureza; este diálogo com a divindade jorra da presença do sagrado, que o homem percebe no âmbito da natureza ou na revelação que Deus quis fazer de si mesmo.⁵

Como fundamentação bíblica da oração, no Dicionário de Liturgia, organizado por Domenico Sartore e Achille M. Triacca nos é dito que toda a Bíblia, tanto o Antigo Testamento quanto o Novo, é por excelência um livro de oração, desde o primeiro ato criador de Deus no Gênesis até o último clamor orante da Esposa no Apocalipse.

É bom também ter em mente que, embora possa-se muitas vezes confundir, orar e rezar têm conotações bem diferenciadas e distintas: "orar é gesto de tipo pessoal; é a experiência do encontro com Deus, por meio de palavras que brotam do próprio coração, em atitude de escuta reverente",⁶ ao passo que a reza é gesto mais social, mais repetitivo. Como seu próprio nome evoca, rezar significa *recitar*.

Com relação a este aspecto, é bom não interpretar esta diferença ao extremo, onde "um tipo de *reza maquinal* pode transformar-se em rotina ou magia".⁷ Mas há tipos de leituras e recitações sagradas que continuam sendo primordiais para a oração cristã.

A idéia do orar ou rezar não é originária do cristianismo. O povo do Antigo Testamento orava e rezava. Os budistas, xintoístas, etc., ou seja, em todas as formas de religiões não cristãs, se ora e reza. O orar ou rezar é por excelência um gesto ou atitude própria e exclusiva do ser humano. Desde os primórdios, o ser humano sentiu a necessidade, e pôs em prática, o diálogo ou colóquio com seu Deus. Esta necessidade, mesmo com o passar de milênios, continua sendo um recurso com o qual o ser humano busca forças para enfrentar toda sorte de problemas. A base desta prática está na firme convicção de que, pela oração ou pela reza a alguém invisível, mas o qual ele sente e o qual ele crê que existe, ele realmente alcançará auxílio, conforto e tranqüilidade em seus momentos de angústia, incerteza, tristeza, sofrimento e, em muitos casos, nos momentos de glória, júbilo e na concretização dos seus pedidos e anseios.

⁵ J. CASTELLANO, *Oração e Liturgia*, p. 814a.

⁶ Xavier PIKAZA, *Oração*, p. 540b.

⁷ ID., *ibid.*, p. 541a.

Orar, orar sempre, é uma forma segura de enfrentarmos o dia-a-dia das dificuldades. Por sentir este fenômeno como uma realidade, o ser humano, no sentido de dar uma conotação oficial a esta necessidade, desde os tempos mais remotos, procurou estabelecer tempos fixos para esta prática, além daqueles momentos quando as dificuldades e preocupações surgem.

Com o estabelecimento destes tempos fixos deu-se origem ao que hoje denomina-se "*liturgia das horas*".

1.2- A oração no Antigo Testamento.

O fundamento da oração. O israelita deve rezar ao seu único Deus, Javé. Ainda que outros deuses existam de uma maneira ou outra, são impotentes para ajudarem, seja em si, seja porque o seu poder não se estende a Israel. Javé é porém para o israelita "presença auxiliadora".⁸

Em relação às religiões anteriores, a oração em Israel se caracteriza por ser um tipo de oração "narrativa" mais do que "descritiva". O Deus a quem ela se dirige está integrado na sua história. Desde o princípio, o Deus dos Patriarcas, do Êxodo, dos juizes e dos profetas é um Deus que se revela usando seu próprio nome e que assim se tornou presente no meio de seu povo, intervindo ativamente na sua história.⁹

Pela leitura das Sagradas Escrituras, constata-se que, entre o povo de Israel, a oração ocupa um espaço privilegiado, sendo que "considera-se a Bíblia, história de Israel, o livro de oração por excelência".¹⁰

A oração judaica pressupõe a história religiosa de seu povo. Israel reza, meditando sempre a sua história. Iahweh é o mistério de sua eleição e história, é o diálogo com seu povo ao qual se revela e em cujo meio permanece, e é quem age prodigiosa e silenciosamente com suas intervenções.

A oração de Israel, podemos afirmar, jamais interrompe o ritmo de sua história, porque sua história é a história de sua oração, não se pode entender essa sem aquela".¹¹

"O conteúdo da oração abrange a vida toda. A oração por bens espirituais é muito menos freqüente que a oração por

⁸ A.Van Den BORN, *Oração (no A.T.)*, col. 1072.

⁹ J.CASTELLANO, *Oração e Liturgia*, p. 815b.

¹⁰ J.M.CANALS, *A oração na Bíblia*, p. 268.

¹¹ ID., *ibid.*, p. 268.

benefícios temporais".¹²

No Antigo Testamento, encontramos em diversos livros alusões a orações, como orar e quando orar. Em 2Sm 7.27 lemos: "Porque foste tu, Iahweh dos exércitos, Deus de Israel, que fizeste esta revelação ao teu servo: Eu te edificarei uma casa. Então o teu servo teve a coragem de te dirigir esta oração". Neste texto, duas são as conotações, a primeira,..te "edificarei uma casa", e a segunda,..te "dirigirei esta oração".

Em 1Rs 8.54 lemos: "Quando Salomão acabou de dirigir a Iahweh toda essa prece e essa súplica.....de mãos erguidas para o céu, diante do altar de Iahweh.....abençou em alta voz toda a assembléia de Israel".

Ainda em 1Rs 9.3, encontramos a resposta: "Iahweh lhe disse: Ouvi a oração e a súplica que me dirigiste. Consagrei esta casa que construístes, nela colocando meu Nome para sempre; meus olhos e meu coração aí estarão para sempre".

Conotações referentes ao tempo ou horas de oração, ficam definidas por meio de Salmos. Os Salmos são orações em forma de cânticos, contendo súplicas, invocações, louvores e agradecimentos a Deus. O Sl 4.9 tem uma clara alusão de "Oração da tarde" quando diz: "Em paz me deito e logo adormeço, porque só tu, Iahweh, me fazes viver em segurança".

Por sua vez, o Sl 5.4 nos apresenta uma nítida informação de se tratar de uma "Oração da manhã", quando assim nos diz: "É a ti que suplico, Iahweh! De manhã ouves minha voz; de manhã eu te apresento minha causa e fico esperando".

É porém no Sl 55.55ss que encontramos uma referência bem clara, relacionada com os diferentes horários de oração no transcurso do dia, quando o salmista Davi assim canta: "Eu, porém, invoco a Deus, e Iahweh me salva; de tarde, pela manhã e ao meio-dia eu me queixo gemendo. Ele ouve o meu grito. Em paz resgata minha vida".

Um outro motivo que temos para orar ou rezar ao Senhor Deus, está expresso no Sl 38.2,5 cuja característica é a de uma "prece de angústia": "Iahweh, não me castigues em tua cólera, não me corrijas em teu furor", e, logo a seguir lemos: "Minhas iniquidades ultrapassam-me a cabeça, como fardo pesado elas pesam sobre mim". No Sl 39.13, o salmista Davi clama: "Ouve minha prece, Iahweh, dá ouvidos aos meus gritos, dá ouvidos aos meus gritos".

¹² A. Van Den BORN, *Oração (no A.T.)*, col. 1073.

“Na história da piedade israelita, podem-se distinguir três períodos tipicamente diferenciados e complementares”:¹³

1º Período: *Pré-profético*. A oração do período pré-profético se caracterizava pela amizade entre Deus e o homem. Os orantes eram amigos de Deus. As orações mostravam surpreendente condescendência por parte de Deus e uma ousada familiaridade por parte do homem. Era um Deus zeloso pelo bem de seus amigos (Sl 104.12-15).

2º Período: *Profético*. A oração dos profetas é prece espontânea. Os profetas oravam pelos outros: pelo rei (1Sm 15.10), pelo povo (2Rs 6.17), por si mesmos (1Sm 8,6ss), e para que Deus lhes esclarecesse o sentido da vida (Jr 32.6-25).

3º Período: *Pós-exílico ou sapiencial*. A oração do período pós-exílico ou sapiencial caracteriza-se principalmente pela preocupação com a universalidade. O exílio provoca mudanças decisivas na história de Israel. A fé é aprofundada e a fidelidade à aliança é retomada: “O povo de Deus experimentou que o pecado é um obstáculo para a intimidade com Iahweh, provocando a ruptura entre Deus e o homem”.¹⁴

Quanto ao local para orar, o povo de Israel não fica condicionado a um local específico, porque todo lugar pode servir para orar a Deus, pois a terra inteira está cheia de sua glória (Is 6.3)¹⁵. Quanto às horas de oração, o povo de Israel orava duas vezes ao dia, unindo-se ao sacrifício de Tamid de Jerusalém, ao amanhecer e ao entardecer (Nm 28.4; Ex 30.7-8; 1Cr 23.20).¹⁶

A forma de oração: de acordo com a solenidade de seu conteúdo, a oração tende a uma forma rítmica. De fato, muitas orações foram transmitidas em forma poética. Mas existem também muitas orações em prosa. Podemos distinguir três tipos de oração: A oração de petição, de penitência e a de ação de graças.¹⁷

¹³ J.M.CANALS, *A oração na Bíblia*, p. 269-272.

¹⁴ ID., *ibid.*, p. 272.

¹⁵ Idem, p. 274.

¹⁶ Idem, p. 277.

¹⁷ A.Van Den BORN, *Oração (no A.T.)*, col. 1074.

1.3- A oração na comunidade primitiva e no Novo Testamento.

A oração de Jesus enraíza-se e enquadra-se no culto do povo judeu. Pertencente a um povo que sabia orar, Jesus ora no contexto dos lugares, conteúdos e horas conforme os costumes de seu povo, infundindo-lhes, porém, novo significado.¹⁸

Os evangelhos, sobretudo Lucas (3.21; 5.36; 6.1; 9.29; 10.21; 11.1; 22.32,41; 23.34,46), nos apresentam uma imagem de Jesus como grande exemplo de oração ao Pai. Jesus reza com muita frequência: faz as orações comuns como a bênção antes das refeições, reza antes de atos e decisões importantes.¹⁹

Sua mensagem central foi revelar o Pai, o qual, tendo íntima relação com os homens, permitiu que estes pudessem chamá-lo de Abbá. "Os sinóticos nos descrevem três orações de Jesus: a oração de ação de graças (Mt 11.25-36; Lc 10.21-22), a oração no Getsêmane (Mt 26.39; Mc 14.35-36; Lc 22.42); e a oração na cruz (Mt 27.46; Lc 23.34-36)".²⁰ No evangelho de João, tem-se o relato da oração da ressurreição de Lázaro (Jo 11.41), da oração na esplanada do templo (Jo 12.27-28) e a longa oração sacerdotal (Jo 17.1-26).

Depois da ascensão do Senhor, e até a comunidade dos discípulos se ver dispersa pela perseguição, os discípulos continuaram freqüentando com assiduidade o templo e participando do culto sabático sinagoga.²¹

Quando a comunidade primitiva eclesial começou sua caminhada na história, não tinha qualquer estrutura própria de oração nem qualquer patrimônio de textos que pudesse ser considerado como uma expressão específica da pregação e doutrina de Jesus.²²

"Os apóstolos e a comunidade apostólica continuavam observando as horas de oração dos judeus",²³ porém com um novo espírito trazido por Jesus. Além de observarem os antigos usos e costumes judaicos, os cristãos primitivos também mantiveram o costume do divino mestre de orar nas horas estabelecidas pelo costume judaico, orando também em outros

¹⁸ J.M.CANALS, *A oração na Bíblia*, p. 279.

¹⁹ A.Van Den BORN, *Oração (no N.T.)*, col. 1075.

²⁰ J.M.CANALS., *A oração na Bíblia*, p. 280.

²¹ ID., *ibid.*, p. 285.

²² Matias AUGÉ, *Liturgia, História, Celebração, Teologia, Espiritualidade*, p. 255.

²³ J.M.CANALS, *A oração na Bíblia*, p. 286.

momentos do dia.

Tudo faz crer que os apóstolos e os primeiros cristãos se mantinham fiéis à prática de orações estabelecidas no costume judaico. "Recitavam duas vezes ao dia a profissão de fé, o Shemá, e três vezes as Dezoito Bênçãos",²⁴ pois na verdade estavam acostumados, conforme se constata em At 3.13; 4.24; 14.15; 17.24. Segundo a Didaché, "muito cedo este costume foi abandonado e a fórmula judaica foi substituída pela oração do Pai-Nosso".²⁵ Outro aspecto a ser lembrado é que as comunidades cristãs primitivas, de início, rezavam os salmos no estilo e sentido judaico, mas logo surgiu um novo sentido, conforme J.M.Canals assim se refere:

...nova luz que se projeta não só sobre a vida histórica e mística de Jesus (sentido cristológico), mas também sobre a própria vida da Igreja (sentido eclesial) e sobre as realidades salvíficas que ainda estão por acontecer (sentido escatológico). A liturgia e os santos Padres em seus comentários, homilias e demais escritos, não farão outra coisa que prosseguir nesse mesmo caminho e comentar e aplicar todo o saltério, além de no sentido *literal*, nos sentidos *cristológico, pleno, eclesial e profético*.²⁶

Jesus Cristo, sendo Ele o filho de Deus, escolhido por Deus Pai, para resgatar e ensinar o caminho da verdade e da vida, orava. Quando solicitado por um seu discípulo para que ensinasse a orar: *Senhor, ensina-nos a orar como João ensinou aos seus discípulos* (Mc 11.1), Jesus lhes ensinou o "Pai-Nosso".

O fundamento dessa oração é a nova relação entre o homem e Deus, por Cristo. Deus é "O Pai Celeste", o homem é seu filho. A essa existência cristã deve corresponder uma atitude espiritual de confiança ilimitada, de entrega espontânea, de uma familiaridade filial ininterrupta, de um refugiar-se a Ele em toda a necessidade.²⁷

Com relação a quando orar, em Mc 1.35 lemos: *De madrugada, estando ainda escuro, Ele se levantou e retirou-se para um lugar deserto e ali orava*. O Evangelista Mateus relata: *Tendo-as despedido, subiu ao monte, a fim de orar a sós. Ao chegar a tarde, estava ali, sozinho* (Mt 14.23).

Em At 2.42, podemos constatar que a oração pública é algo comum: *Eles mostravam-se assíduos aos ensinamentos dos*

²⁴ J.M.CANALS, *A oração na Bíblia*, p. 286.

²⁵ ID., *ibid*, p. 287.

²⁶ Idem, p. 287.

²⁷ A.Van Den BORN, *Oração (no N.T.)*, col. 1075.

apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações, razão pela qual o oração comum é considerada como uma das principais funções da Igreja.

Outras referências, que atestam que as comunidades cristãs da Igreja primitiva oravam em comum, estão em At 1.14, onde lemos: *Todos estes, unânimes, perseveravam na oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus e com os irmãos dele.* Em At 4.24, nos é relatado que, durante a perseguição, a oração em comum era uma prática normal: *Ouvindo isto, unânimes elevaram a voz a Deus dizendo: Soberano senhor, foste tu que fizeste o céu, e a terra, o mar, e tudo que nele existe.* Ainda em At 12.5, *Mas, enquanto Pedro estava sendo mantido na prisão, fazia-se incessantemente oração a Deus, por parte da Igreja, em favor dele.* Logo a seguir, no versículo 12, é dito que Pedro, dando-se conta da situação, *dirigiu-se à casa de Maria, a mãe de João, o que tem o cognome de Marcos: Ali se encontravam muitos, reunidos em oração.* Por sua vez, Paulo em sua carta aos Efésios (Ef 5.19-21) escreve: *Falai uns aos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor em vosso coração.*

1.4- A oração na comunidade atual.

Cabe ainda fazer uma referência com relação à oração cristã no mundo atual. "Nos últimos decênios temos assistido a um fenômeno pendular de crise e de despertar da oração na Igreja".²⁸ O fenômeno da secularização fez com que surgissem inúmeros questionamentos como: A oração não seria um inútil balbuciar humano? Não seria porventura uma projeção subjetiva de sentimentos? Não poderia ser uma forma alienante de fuga dos próprios deveres, culto de passividade, ato de refugiar-se em um Deus tapa-buracos? E mais, será possível falar com Deus na intimidade do nosso ser? Estas e muitas outras perguntas, feitas com relação ao gesto ou ato de orar assim como o sentido da oração, "proporcionaram e provocaram uma desvalorização da oração em si como praxe, mas, por outro lado, estimularam uma busca esforçada e comprometida de uma nova teologia, relativa ao fenômeno da oração".²⁹ Felizmente pode se afirmar que esta busca não foi inútil e nem deixou de alcançar seus objetivos e vem, com isso, rendendo bons frutos.

²⁸ J.CASTELLANO, *Oração e Liturgia*, p. 814b.

²⁹ ID., *ibid.*, p. 815b.

A oração não é, pois, projeção subjetiva, porém sim, resposta a um Deus que se revela como Pai; ela não é refúgio alienante, porque Deus expressa a sua vontade e encaminha o orante ao cumprimento deste seu plano de salvação e na justiça e o compromete com as coisas que ele pede.³⁰

A praxe da oração teve um revigoramento, "como que um novo despertar".³¹ Este novo despertar deu-se graças à renovação litúrgica, à revalorização da religiosidade popular e a um reflorescimento das expressões individuais de oração e meditação (não raramente inspiradas em técnicas de meditação não-cristãs). Outro fator considerado é que o fenômeno da oração comunitária passa a ser entendido como "busca orante da vontade de Deus, ou como manifestação livre e jubilosa do espírito nos grupos *carismáticos*".³²

É evidente que a oração litúrgica, como forma típica da oração eclesial, não esgota todas as possibilidades de oração da Igreja e dos cristãos. Entretanto, é a ela que se aplica, no sentido mais genuíno, a noção de oração cristã: por ela devem modelar-se, para serem autênticas, todas as outras formas e fórmulas do diálogo com Deus, por Cristo no Espírito.³³

1.5- A oração ininterrupta.

A freqüência e os horários de celebrações e orações, na Bíblia, são estabelecidos pelo calendário religioso³⁴ e pelos costumes do povo judeu; porém, nos livros do Novo Testamento, depara-se com um autêntico preceito em relação à oração ininterrupta (Lc 18.1; 21.16). No enfoque relacionado com a continuidade, sem interrupção,³⁵ está bem caracterizada a relativa freqüência do uso das expressões como: "sempre", "assiduamente", "sem interrupção", "dia e noite", assumindo inclusive a conotação de um tópico de linguagem do apóstolo Paulo e de seu discípulo Lucas (cf. At 1.14; 2.42; 6.4; 10.2; 12.5; Rm 1.9ss; 12.12; ICor 1.4; Ef 1.16; 5.20; 6.18; Flp 1.3ss; Cl 4.2; 1Ts 1.2ss; 2.13; 5.17; 2Ts 1.11; 2.13; 2Tm 1.3; Flm 4). Em todas estas citações nos textos acima indicados, o que se

³⁰ J.CASTELLANO, *Oração e Liturgia*, p. 815a.

³¹ ID., *ibid.*, p. 815a.

³² Idem, p. 815a.

³³ Idem, p. 815a.

³⁴ Matias AUGÉ, *Liturgia, História, Celebração, Teologia, Espiritualidade*, p. 256.

³⁵ ID., *ibid.*, p. 256..

pode observar é uma clara conotação em relação à constância, não propriamente uma repetição de atos,³⁶ mas fundamentalmente a perseverança em relação à postura de oração.

Na verdade, a instrução de Jesus Cristo, de "orar sempre" (Lc 18.1; e com outras palavras em Mt 26.41; Mc 14.38; Lc 11.9), teve grande influência junto à comunidade apostólica. Por meio do livro "Atos dos Apóstolos", é dado conhecimento de que os discípulos freqüentavam diariamente o templo (At 2.46; 5.12; 5.19-21). Outra referência sobre o orar sem cessar pode ser lida onde o evangelista Lucas, ao concluir o relato da Ascensão de Jesus Cristo, afirma: "Quanto a eles, após se terem prostrado diante Dele, voltaram para Jerusalém cheios de alegria, e estavam sem cessar no templo bendizendo a Deus" (Lc 24.52-53).

Um destaque especial a esta recomendação, orar contínuo, foi dado pela tradição cristã antiga.³⁷ Realmente, o preceito de oração ininterrupta atuou de maneira importante no que diz respeito à formação dos tempos e ritos de oração junto às primeiras comunidades cristãs. Assim como a palavra *unânime*, que volta freqüentemente, *assídua* ou *perseverante* são as outras características da oração da comunidade dos tempos apostólicos.³⁸

Na verdade, este tipo de celebração era muito comum nos primeiros tempos do cristianismo e tinha suas raízes nos preceitos do judaísmo, pois já no Antigo Testamento podemos ler instruções com relação às orações da comunidade. Como referência, no Sl 55.17 lemos: "Eu, porém, invoco a Deus e Iahweh me salva; de tarde, pela manhã e ao meio dia eu me queixo". Outra menção se relaciona ao profeta Daniel, conforme lemos em Dn 6.11, o qual abria a janela que se voltava para Jerusalém e, três vezes ao dia, de joelhos, se punha a orar e confessar ao seu Deus. No livro de Judith também são reconhecidas três horas de oração, a da manhã, a da tarde e a da noite.

Oração em assembléias.

Esta conotação ternária de oração diária tem sua correspondência no costume judaico e das horas de oração no templo e na sinagoga, pois a assembléia do povo israelita

³⁶ Matias AUGÉ, *Liturgia, História, Celebração, Teologia, Espiritualidade*, p. 256.

³⁷ ID., *ibid.*, p. 256..

³⁸ Aimé Georges MARTIMORT, *A oração das horas-Introdução à Liturgia*, p. 155..

reunia-se três vezes ao dia para rezar:³⁹ pela manhã, pela tarde na hora dos sacrifícios e ao pôr-do-sol; após este terceiro momento de oração eram fechadas as portas do templo e se acendiam as lamparinas que, acesas, iluminavam a noite toda.

Jesus, como judeu, também participava destes momentos de oração e, após a sua morte, ressurreição e ascensão, os apóstolos e discípulos, até se verem dispersos pela perseguição, continuavam fiéis a estes costumes; porém, se norteavam segundo novo significado, dado a conhecer por Jesus Cristo. Os discípulos continuaram também com o costume da oração no ambiente familiar, conforme lemos em At 2.46-47. "Nesse espaço doméstico os primeiros cristãos começam a celebrar os cultos e as preces que lhes eram próprios".⁴⁰

"Nessa época, a comunidade dos batizados tem profunda consciência do que neles se operou desde a sua iniciação cristã".⁴¹ O apóstolo Pedro em sua primeira epístola diz: *Chegai-vos a Ele, a pedra viva, rejeitada, é verdade, pelos homens, mas diante de Deus eleita e preciosa. Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, constituí-vos, em um edifício espiritual, dedicai-vos a um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo (1Pe 2.4-5).*

Da mesma forma, Paulo, em sua carta aos Efésios (Ef 2.21-22) conclama e reforça a idéia de que: "A comunhão profunda entre Jesus e a comunidade expressa-se nas assembléias em oração. Essas assembléias começaram celebrando o dia do Senhor como o dia senhor da semana".⁴²

Na primeira metade do séc.III, a Igreja foi marcada por intenso fervor espiritual.⁴³ Deste fato, cinco escritores cristãos nos dão testemunho: A *Tapeçaria VII* do alexandrino Clemente (+211/215); *De Oratione* e o *De Ieiunio* do africano Tertuliano (+220); A *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma; o tratado *Da Oração* escrito em 233/234 por Orígenes de Alexandria e o de *Oratione de Dominica* redigido, por volta de 250, pelo bispo de Cartago, S. Cipriano. Todos eles insistem no preceito de Jesus e de Paulo, de orar sem cessar. "O gnóstico reza ao longo de toda a sua vida",⁴⁴ diz Clemente em estilo

³⁹ J.M.CANALS, *A oração na Bíblia*, p. 277.

⁴⁰ ID., *ibid.*, p. 285.

⁴¹ I.R.GONZÁLEZ, *A oração da comunidade cristã*, (sécs.II-XVI), p. 293.

⁴² ID., *ibid.*, p. 294.

⁴³ Aimé Georges MARTIMORT, *A Igreja em Oração-Introdução à Liturgia*, p. 156.

⁴⁴ ID., *ibid.*, p. 156.

hermético.

Embora ocasionais nos primeiros séculos, estas assembléias litúrgicas eram semanais, no dia do Senhor, mas gradativamente passaram a ser assíduas e ininterruptas como resposta às recomendações do Senhor (Lc 21.36).

A partir de meados do século IV são numerosos os testemunhos que mencionam ou descrevem estas assembléias cotidianas, não somente na Palestina, mas também em Antioquia, em Constantinopla e na África. São João Crisóstomo, em Antioquia, catequizando os neófitos, adverte que tais reuniões fazem parte necessária do dia de um cristão.⁴⁵

Oração centrada em Jesus.

Embora os cristãos conservassem, nos primeiros tempos, as horas de oração judaicas, eles concentravam suas leituras nos salmos, faziam suas orações enfocadas em um novo espírito, espírito este dado a conhecer por Jesus Cristo.

Jesus pede e ensina a orar: Muitas vezes ele disse: "Orai, rogai, pedi (Mt 5.44; 7.7; 26.41; Mc 13.33; 14.38; Lc 6.28; 10.2; 11.9; 22.40 e 46) em meu nome" (Jo 14.13ss; 15.16; 16.23ss). É de Jesus a forma de orar a "oração dominical" (Mt 6.9-13; Lc 11.2-4).

Embora dirigida a Deus Pai, a oração necessariamente se vincula a Jesus Cristo, pois ele mesmo afirma: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por Mim" (Jo 14.6).

Hipólito de Roma em sua Tradição Apostólica garante: "Não sereis tentados, nem vos perdereis, se sempre vos recordardes de Cristo em vossas orações".⁴⁶

O uso, por parte dos cristãos, dos salmos em suas orações tem duas direções a serem consideradas. A primeira, pela sua "cristologização", seja levando em consideração o Novo Testamento, seja tomando por base escritos dos Pais da Igreja dos primeiros séculos. A segunda, "pela predileção com a qual, posteriormente, os contemplativos procuraram nos salmos a iniciação à oração de louvor, à meditação das perfeições divinas e à expressão da miséria humana".⁴⁷

Por todas estas considerações, fica evidente a centralidade em Cristo das orações da comunidade cristã e, entre estas, neste

⁴⁵ Aimé Georges MARTIMORT, *A Igreja em Oração-Introdução à Liturgia*, p. 161.

⁴⁶ ID., *ibid.*, p. 156.

⁴⁷ Idem, p. 176.

trabalho, nos referimos à *Oração Pública Diária* ou *Liturgia das Horas* ou ainda *Ofício das Horas*.

CAPÍTULO II
SIGNIFICADO E ESTRUTURAS
DA LITURGIA DAS HORAS

2.1- Da natureza da Liturgia das Horas.

A oração das Horas é a "oração que Cristo, unido ao seu corpo, eleva ao Pai". A liturgia das Horas tem o seu protótipo, o seu modelo no louvor interior, que caracteriza a vida trinitária.⁴⁸

Sendo a Liturgia das Horas oração pública e comunitária do povo de Deus, e parte integrante do ministério da Igreja como uma manifestação especial, este louvor a Deus por parte da Igreja não pode ficar restringido, seja por sua origem seja por sua natureza, ao clero e aos monges, mas sim ser de livre e ampla utilização por toda a comunidade cristã.

Se é verdade que a oração, feita por qualquer cristão ou por qualquer grupo de crentes, é assumida como própria da Igreja, é também verdade que somente a Liturgia das Horas manifesta *plenamente* toda a Igreja orante como tal e a sua permanência constante na oração, e somente ela a realiza da forma mais espontânea e consentânea às pessoas e aos lugares.⁴⁹

Oração pública diária ou liturgia das horas, segundo Matias Augé, hoje é entendida basicamente como:

Uma estrutura de oração, ordenada e organizada, compreendida de uma maneira tal que, santificando o dia por inteiro, corresponda à expressão de oração de cada uma das pessoas que oram e sobretudo da comunidade eclesial.⁵⁰

No início de sua caminhada histórica, as comunidades primitivas não tinham ao seu alcance qualquer tipo de "estrutura própria de oração nem qualquer patrimônio de textos que pudesse ser considerado como uma expressão específica da

⁴⁸ Matias AUGÉ, *Liturgia-História-Celebração-Teologia-Espiritualidade*, p.264.

⁴⁹ ID., *ibid.*, p. 265.

⁵⁰ Idem, p. 254.

pregação e da doutrina de Jesus Cristo".⁵¹

Coube às primeiras gerações cristãs cobrir este vazio, aprofundando a doutrina e o exemplo de Jesus Cristo, no contexto da tradição judaica, na qual o próprio Senhor tinha vivido a sua relação com o Pai através da oração.⁵²

Conforme MARTIMORT:

Embora os salmos dêem à Liturgia das Horas sua nota mais característica, tradicionalmente outros elementos fazem parte dela. Uns são como prolongamento da salmodia: os cantos bíblicos e a hinografia. Outros são de gênero literário completamente diferente: são, de um lado, as leituras e, de outra parte, as orações, como prelúdio ou conclusão das horas.⁵³

Augé assim se refere ao evangelista Lucas:

Grande mestre da oração, começa o seu evangelho com a descrição de uma liturgia de oração que se desenvolve no templo de Jerusalém, durante a qual acontece a aparição do anjo do Senhor a Zacarias (Lc 1.8-23) e conclui com uma referência bem definida aos discípulos de Jesus que, após a ascensão do Senhor, continuavam a frequentar o templo, para rezar: E eles, após terem-no adorado, voltaram para Jerusalém com grande alegria; e permaneciam sempre no templo, louvando a Deus (Lc 24.52-53).⁵⁴

Por outro lado, Martimort faz menção a um manuscrito grego da Bíblia, datado do século V, onde é relatado que, após o saltério, eram introduzidos e acrescentados os seguintes cânticos: 1º Cântico de Moisés (Ex 15.1-12), 2º Cântico de Moisés (Dt 32), o Cântico de Ana (1Sm 2.1-10), e de Isaías "A minha alma por ti suspira de noite...."(Is 26.9-20), o Cântico de Jonas (Jn 2.3-10), a lamentação de Habacuc (Hab 3.2-19) o Cântico de Ezequias, relatado no livro do profeta Isaías (Is 38.10-20), e outros. O último cântico mencionado é o "Glória a Deus no mais alto dos céus."⁵⁵

2.2- O sentido da oração ao ritmo das horas.

A *Liturgia das Horas* é uma liturgia da palavra e não incorpora o rito da eucaristia nem outros ritos, ou seja, ela

⁵¹ Matias AUGÉ, *Liturgia-História-Celebração-Teologia-Espiritualidade*, p. 255.

⁵² ID., *ibid.*, p.255.

⁵³ Aimé Georges MARTIMORT, *A Igreja em Oração-Introdução a Liturgia das Horas*, p. 188.

⁵⁴ Matias AUGÉ, *op. cit.*, p. 256.

⁵⁵ Aimé Georges MARTIMORT, *op. cit.*, p. 188/9.

tem um rito próprio e específico.

A *Liturgia das Horas* tem sua origem no ideal espiritual proposto pelo Novo Testamento: a oração incessante⁵⁶. A forma deste rito e seu ritmo de celebração, no que se refere à sua efetivação em determinadas horas ou momentos do dia, tem sua origem baseada nos costumes judaicos, assim como a oração, mas, desde os primórdios do cristianismo, este tipo de oração se fundamentou no exemplo de Jesus e da comunidade apostólica.

Um terceiro momento de oração é atestado no livro de Daniel, que ocorreu por volta do século III aC, “e três vezes ao dia ele se punha de joelhos, orando e confessando a seu Deus: justamento como havia feito até então (Dn 6.11).

Orar sem cessar.

A premissa de orar sem cessar tem sua fundamentação baseada em relatos dos Evangelhos bem como a comprovação de que Jesus era fiel aos costumes do povo judeu de sua época, conforme podemos ler em Lc 4.16 e Mc 1.21. Em Lc 18.9-14 é feita referência à oração da hora “noa ou nona (três horas da tarde)”. Esta referência fica mais evidente em Mt 6.5.

Com relação às orações antes das refeições, as evidências são incontestáveis e incontáveis, só lembrando o milagre da multiplicação dos pães (Mt 14.13-21; 15.32-38; e paralelos em outros livros), última ceia (Mt 26.26-28; Mc 14.22-25; Lc 22.19-20; 1Co 11.23-25) e na refeição de Emaús (Lc 24.30). Deve-se ainda fazer menção de que, além da oração, Jesus recitava “hinos” com seus discípulos (Mt 26.30 e paralelos).

Pela leitura dos evangelhos ainda pode-se constatar que Jesus e seus discípulos também oravam em outras horas do dia, como pela manhã na hora terça (nove horas) e à noite quando se retiravam para o deserto ou lugares solitários para se entregar à oração (Lc 5.16).

Jesus nem sempre se isolava para orar. Às vezes fazia-se acompanhar por alguns apóstolos, o que podemos constatar no relato da sua transfiguração (Lc 9.28-29).

A oração ininterrupta ou sem cessar foi largamente utilizada e, hoje, ainda o é em algumas congregações religiosas por parte de monges, monjas e freiras cujo orar se restringe ao ambiente monástico.

⁵⁶ Aimé Georges MARTIMORT, *Idem*, p. 150.

A oração em tempos precisos.

Pode-se afirmar que, desde os primórdios do cristianismo, com base na tradição judaica, dois eram os tempos precisos de oração, pela manhã, ao raiar do dia (aurora) e à noite, ao findar o dia,⁵⁷ Estas eram as orações feitas pela co-munidade reunida.

As orações antes das refeições, em algumas tradições também após as refeições, ocorriam e ainda ocorrem na individualidade ou em família. Mas é bom lembrar, conforme afirmado acima, que já entre o povo judeu existiam outros momentos ou horas de oração, que aconteciam no templo.

Hoje em dia, entre os muçulmanos e islamitas existe o costume de, a cada três horas, se voltarem para "Meca" e, de joelhos, orarem, porém deve ser observado o detalhe que a oração da manhã não se dê no momento em que o sol está surgindo e, à noite, na hora que o sol está se pondo, para não dar a conotação de um momento de devoção ou oração ao sol.

O sentido cristão de horas para oração.

O primeiro momento de oração.

Nome antigo: "*Laudes*"⁵⁸.

Nome atual: "Oração da Manhã", "Louvores Matutinos" ou "Oração do amanhecer". É a oração do cristão que começa seu dia, como define Basílio de Cesaréia:

Louvor da manhã para consagrar a Deus os primeiros impulsos de nossa alma e do nosso espírito, para que nada empreendamos antes de nos termos alegrado com o pensamento em Deus, conforme está escrito: "Recordei-me do Senhor e nele coloquei minhas delícias" (Sl 76.4) e para que nossos corpos, da mesma forma, não se ponham a trabalhar antes que tenhamos realizado o que está escrito: "Dirijo a ti minha oração, Senhor: de manhã ouvirás minha voz, estarei junto de ti pela manhã e te verei" (Sl 5.4-5).⁵⁹

Por meio da oração realizada ao nascer do dia, a assembléia reunida consagra os primeiros momentos de um novo dia.

"Isto devemos fazer antes de nos entregarmos a qualquer tipo de atividade, na hora que a natureza está despertando, que é o momento propício para louvarmos aquele que criou céus e

⁵⁷Aimé Georges MARTIMORT, *A Igreja em Oração-Introdução à Liturgia*, p. 151.

⁵⁸Matias AUGÉ, *Liturgia-História-Celebração-Teologia-Espiritualidade*, p.272.

⁵⁹Aimé Georges MARTIMORT, Op. cit., p. 228.

terra e faz erguer-se o sol sobre o universo".⁶⁰ Nesta hora, recordamos em oração a ressurreição de Jesus Cristo, que ressuscitou no primeiro dia da semana e muito cedo, conforme lemos em Mt 16.9 e Lc 24.1, tornando-se a luz do mundo, que venceu o poder das trevas da morte.

Um liturgista salienta que esta Hora é a oração da Ressurreição de Cristo, da ressurreição da Criação, da ressurreição da Igreja. Por isso, desde a aurora, os textos do Ofício, sobretudo aos domingos, nos apresentam o Cristo ressuscitado e o tema da luz permeia toda esta hora.⁶¹

Por isto, a oração pela manhã é necessária para que, a cada amanhecer, celebrando, recordemos a ressurreição do senhor.

O segundo momento de oração.

Nome antigo: "Vésperas"⁶².

Nome atual: "Oração da tarde", "Louvores vespertinos" ou "Oração do Entardecer". É a oração no horário em que a maioria das pessoas encerra suas atividades diárias. No final do dia, prescreve Basílio, "agradar-se-á a Deus por todos os benefícios recebidos e pelas boas obras que puderam ser feitas de maneira tão feliz".⁶³

Ao entardecer ou declinar do sol, a assembléia se reúne para agradecer por mais um dia que se vai e pedir a proteção de Deus para transpor a noite que se aproxima. Lentamente o manto da noite encobre a natureza, tudo e todos se preparam para descansar, e, com o acender das lamparinas e velas, procuram substituir a luz do sol, no intuito de afugentar a escuridão.

A oração pela tarde é necessária para que, a cada entardecer, celebrando, recordemos a paixão de Cristo, nosso Senhor, nos lembrando de sua morte e ressurreição e na esperança do amanhecer de um novo dia.

Outros momentos de oração.

Existem outros momentos em diferentes horas de oração, conhecidos como *Ofício das Leituras*, ou também como *orações das horas menores*.

As celebrações assim denominadas não se vinculam a horários

⁶⁰ Alberto BOISSINOT, *O que é a liturgia das horas?* p. 22.

⁶¹ ID., *ibid.*, p. 22.

⁶² Matias AUGÉ, *Liturgia-História-Celebração-Teologia-Espiritualidade*, p.273.

⁶³ Aimé Georges MARTIMORT, *A Igreja em Oração-Introdução à Liturgia*, p. 230.

pré-definidos. Elas podem ser recitadas durante a noite ou a qualquer hora do dia. Porém, entre estas celebrações existem algumas com horários bem caracterizadas e que são também conhecidas desde os primórdios do cristianismo. Estes momentos são o das horas *Tertia*, *Sexta* e *Noa ou Nona*.

Tertia, ou seja, terceira correspondendo às nove horas. A *Sexta* correspondendo às doze horas (meio dia) e a *Noa ou Nona* correspondendo às quinze horas.

Cipriano, dava uma interpretação particular para cada uma destas horas⁶⁴. Assim, a *Tertia* ou terceira, que corresponde às nove horas, tem o objetivo de relembrar Pentecostes, isto é, a descida do Espírito Santo. A *Sexta* relembra o momento da crucificação de Jesus Cristo e na hora *Nona ou Noa*, é recordada a morte de Cristo que é a base, o início da nossa redenção, e que culmina com a ressurreição de nosso Redentor.

E, para terminar o dia, mais um momento de oração, momento este que leva o nome de *Completas*, ofício que é realizado antes do se recolher para dormir, que na maioria das vezes é realizado na individualidade, em particular. A origem deste ofício é monástica⁶⁵, mas tem um relevante sentido para toda a vida cristã, pois, por meio dele, é entregue nosso descansar nas mãos de Deus.

2.3- Os cinco princípios da estrutura da Liturgia das Horas.

1º princípio.

A Estrutura comunitária-eclesial.

"É o caminho que desvela e faz encontrar o conteúdo básico da *Liturgia das Horas*, a oração de Cristo-Igreja",⁶⁶ na assembléia orante.

2º princípio.

A estrutura horária.

O próprio nome já indica que é essencial o caráter horário. "Esta estrutura revela e torna presente a oração de Cristo-Igreja nas próprias entranhas da vida humana, do homem, que é o tempo".⁶⁷

⁶⁴ Daniel de REYNAL, *Teologia da Liturgia das Horas*, p. 75.

⁶⁵ J.A.GOENAGA, *A celebração na Igreja* 3, p. 411.

⁶⁶ ID., *Ibid.*, p. 400..

⁶⁷ Idem, p. 402.

3º princípio.

Estrutura configurada.

"Em sua evolução pelo saltério, pela leitura da Bíblia e por diversos elementos oracionais, lembrados em grande parte ao ritmo do ano litúrgico",⁶⁸ revela e torna presente os mistérios da salvação, em forma real e concreta, por meio da oração do Cristo-Igreja.

4º princípio.

Estrutura celebrativa.

"Ela revela e torna presente a oração de Cristo-Igreja, na forma apropriada à realidade significativa e sacramental desta oração".⁶⁹ Por seu meio é que celebra-se a salvação de Deus, colocada ao nosso alcance em Cristo Jesus.

5º princípio.

Estrutura normativa.

Por meio dela "revelam-se o direito e o dever dos fiéis de participar da *Liturgia das Horas*".⁷⁰ Não deve ser esquecido que a oração é pública e comum do povo de Deus, razão e função básica e fundamental da Igreja.

Teologia.

A teologia dos ofícios das horas se configura a partir de seu próprio conteúdo e objetivo.

Chamamos a atenção para dois traços dessa teologia, esboçados em longos períodos mas sempre fundamentais: a dimensão comunitária, pelo fato de ser oração da Igreja, e a dimensão horária, por referir-se a horas determinadas do dia⁷¹.

Tratando-se de oração da Igreja, é oração comunitária, mesmo que, muitas vezes, seja feita de maneira individual. Tratando-se como oração das horas, "é oração que se estende a celebração do mistério de Jesus, a eucaristia, às dobras do tempo humano, à vida inteira humana que essencialmente é tempo".⁷²

⁶⁸ J.A.GOENAGA, *A celebração na Igreja* 3, p. 403.

⁶⁹ ID., *ibid.*, p. 404.

⁷⁰ Idem, p. 405.

⁷¹ Idem, p. 321.

⁷² Idem, p. 325.

A oração privada e a oração feita em outros momentos que não sejam aqueles tradicionais, não deixam de ter seu sentido de suplência, mesmo quando passam a assumir um caráter habitual.

A recitação individual, além de não ser somente admitida, é aconselhável, quando não se pode participar da celebração em comunidade, seguindo a instrução de Jesus Cristo que disse: "Vigiai e orai para que não entreis em tentação, pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26.41).

2.4- As primeiras estruturas.

Após a ascensão de Cristo, os apóstolos e os discípulos de Jesus continuaram a se reunir no templo para ouvirem as leituras bíblicas e participarem das orações diárias. A celebração da partilha do pão era realizada nas casas dos discípulos, dando seqüência à instrução do Senhor na noite da última ceia. Logo após, os seguidores de Jesus Cristo começaram a ser perseguidos; eles passaram a se reunir em segredo, quando cantavam os salmos, ouviam leituras sagradas e relatos sobre Jesus Cristo e celebravam a partilha do pão.

No período compreendido dos séc. IV ao séc. VI, com a paz de Constantino,⁷³ acontece o término das perseguições, e ocorre o início das grandes construções religiosas e do florescimento da vida litúrgica. Em relação ao ofício divino, começam então a se organizar as horas de oração e a se fixar as suas fórmulas.

Já haviam sido introduzidos, anteriormente, alguns cânticos, recitação ou canto de salmos, algumas leituras bíblicas e uma breve pregação,⁷⁴ e este ofício divino assume função de oração de todo o corpo da Igreja e é organizado em dois tipos: eclesial (catedralício e paroquial) e monástico, celebrado em torno dos monges e ascetas.

Celebração do ofício catedralício e paroquial.

Este ofício é celebrado pelo bispo e os presbíteros. O povo participa em grande número das celebrações matutinas e vespertinas. A celebração da manhã tem uma forte conotação popular, encerra-se com orações de intercessão e com a coleta recitada pelo bispo ou presbítero. "Além de serem cotidianos, estes ofícios assumem um caráter universal",⁷⁵ pois são cele-

⁷³ I.R.GONZÁLEZ, *A celebração na Igreja* 3, p. 303.

⁷⁴ ID., *ibid.*, p. 304..

⁷⁵ Idem, p. 304.

brados na Palestina, Antioquia, Constantinopla, Roma, Gália e África.

No séc.IV, na Itália, o ofício do anoitecer configura-se de modo peculiar para a celebração do começo da noite de Páscoa, incluindo a bênção do círio. Esse ofício da luz ou lucernário adapta-se, a partir do séc.V, às solenidades ou ao ofício de cada dia. Assim estrutura-se o ofício das vésperas, cujo salmo mais significativo é o Sl 140.⁷⁶

Além dos dois ofícios diários, populares, de oração, a comunidade de fiéis era convidada a participar de vigílias, ou orações noturnas. Entre estas, a mais importante era a vigília pascal embora hovesse outras de cunho bastante significativo como a de Natal, Epifania e de Pentecostes.

Celebração da Igreja de Jerusalém.

Na Igreja de Jerusalém, no séc.IV a vida orante era intensa, conforme testemunho da peregrina de Gierso, Egéria.⁷⁷ Havia um conjunto de orações, sendo que umas eram diárias, outras dominicais ou festivas. Mas, de todas as celebrações ao "curso das horas", duas eram eminentemente populares, a da manhã e a da tarde.

O ofício da manhã contava com a presença do bispo ou um presbítero preposto, acompanhado pelo clero, sendo realizado com solenidade e entusiasmo⁷⁸ pela comunidade reunida em grande número. A estrutura desta celebração é constituída de hinos, salmos, antífonas e orações.

O ofício da tarde, chamado de lucernário, tem estrutura simétrica⁷⁹ ao da manhã, porém, contém alguns novos tópicos. Ele tem um caráter mais solene e é assistido em massa pelo povo. O que chama a atenção neste ofício, conforme Egéria, é o rito *lucernare* quando se acendem todas lamparinas e velas.⁸⁰

Enquanto se acendem as luzes, cantam-se cânticos apropriados ao momento (Sl.140). Em seguida há uma oração litânica, proferida por um diácono. A ele se responde com a invocação "Kyrie eleison".⁸¹

⁷⁶ I.R.GONZÁLEZ, *A celebração na Igreja* 3, p. 305.

⁷⁷ ID., *ibid.*, p. 305..

⁷⁸ Idem, p. 305.

⁷⁹ Idem, p. 305.

⁸⁰ Idem, p. 306.

⁸¹ Idem, p. 306.

Segue-se, depois, uma série de ritos. O bispo ora por todos os fiéis e catecúmenos. É dada uma bênção aos fiéis e aos catecúmenos e são cantados hinos. Após, todos seguem até o local da cruz, quando o bispo novamente abençoa os fiéis e catecúmenos.

Havia ainda um ofício de vigília, antes do amanhecer, com início duas horas antes do nascer do sol, normalmente realizado sem a presença do bispo, mas com a participação de "todos os monazotes e parthenes, aos quais se unem homens e mulheres do povo".⁸²

Celebração monástica.

Os ofícios monásticos são celebrações realizadas em todas as horas. Eles são mais extensos e mais completos, podendo ser celebrados por um grupo de monges ou individualmente. Nas celebração monásticas os salmos são recitados seguidos.⁸³ Dois novos tempos de orações foram criados e incorporados pelos monges. O primeiro ao deitar, quando é recitado principalmente o Salmo 90, sendo conhecido como a oração das *Completas*, e o outro é o da *Prima* que foi estabelecida para ocupar o espaço entre a oração da alvorada e a da hora terceira.⁸⁴

Celebração mista monástica/popular.

A diferença entre o ofício monástico e o popular, também denominado da *catedral*, é que não conflitava nem constituía "obstáculo para coexistirem em uma mesma igreja em harmonia e enriquecimento mútuo".⁸⁵

Resumindo, o ofício da *catedral* ou da *paróquia* é mais simples. A comunidade toda dele participa. O bispo ou um pastor o preside e normalmente é celebrado em dois horários, pela manhã e ao entardecer, tendo como próprio o uso de antífonas, responsórios, leituras de trechos bíblicos e de um salmo e orações.

Por outro lado, o monástico "adotou todas as horas mais as *primas e completas*",⁸⁶ celebradas diariamente, de maneira própria

⁸² I.R.GONZÁLEZ, *A celebração na Igreja* 3, p. 306..

⁸³ ID., *ibid.*, p. 307.

⁸⁴ Idem, p. 307.

⁸⁵ Idem, p. 308.

⁸⁶ Idem, p. 308.

em cada igreja, assumindo um tempo de celebração mais extenso em igrejas atendidas por monges, as quais têm como peculiaridade a recitação seguida ou contínua de salmos.

2.5- A evolução e mudanças da Liturgia das Horas.

Nos primórdios, a oração cristã se manifestava com uma grande liberdade criativa, enriquecida pela fonte do Espírito, não apresentado as fórmulas, com rigor pagão, oriundas de Roma. "Porém, desde o séc. III, lentamente, começaram a aparecer as fórmulas de oração cristã, cujos textos, mais tarde, vão adquirindo um caráter oficial, no âmbito da celebração cristã".⁸⁷

Desde o princípio até a sua primeira estruturação, o que aconteceu pelo fim do séc.IV, a Liturgia das Horas tinha um forte caráter ou preocupação em querer "justificar"⁸⁸ os diferentes momentos de oração. Cada hora agregava um aspecto religioso e espiritual, cuja ligação não era devida unicamente ao fator natural das diferentes horas do dia e da noite, mas sim, principalmente, à recordação de fatos bíblicos ou relacionados com a vida de Jesus Cristo e dos apóstolos.

Sob este aspecto já se esboçava e se caracterizava uma "teologia do tempo",⁸⁹ onde todas, e cada uma, das horas do dia possuem um valor e um simbolismo religioso, como sinal de salvação.

Os "Pais da Igreja" dessa época concordavam com a afirmação de que, para se realizar a oração incessante, dever-se-ia "estabelecer tempos definidos"⁹⁰ para se orar. "Estes tempos de oração são interpretados como expressão visível e realização simbólica daquilo que, à luz do ideal neotestamentário, deve ser o mistério da oração como realidade permanente da vida do crente".⁹¹

Clemente de Alexandria, falecido em 215 dC, afirmava que o verdadeiro cristão deveria rezar sempre, mas é também o primeiro a testemunhar o costume, adquirido em alguns ambientes, de rezar em determinadas horas, como a terça, a sexta e a nona. Ele fala ainda de orações feitas na hora de levantar, ou antes do descanso, à noite, e, além disso,

⁸⁷ Matias AUGÉ, *Liturgia-História-Celebração-Teologia-Espiritualidade*, p. 257.

⁸⁸ ID., *ibid.*, p. 258.

⁸⁹ Idem, p. 258.

⁹⁰ Idem, p. 258.

⁹¹ Idem, p. 258.

antes, durante e depois das refeições.⁹²

Essas horas ou momentos de oração transmitem a idéia de terem sido estabelecidas "mais como exemplo de oração incessante"⁹³ do que propriamente como de oração em horário distinto ou pré estabelecido.

Tertuliano, falecido em 220 dC, é o primeiro a interpretar as três horas diurnas em relação a fatos da Escritura,⁹⁴ isto é, em relação à hora terça, sexta e nona.

Ao lado destas três horas, para Tertuliano consideradas não obrigatórias, há outras duas horas *legitimae*, institucionalizadas ou eclesiais: a da manhã e a da tarde (vigília).

Hipólito, falecido em 235 dC, valida as duas horas *legitimae* de Tertuliano, porém não lhes atribui caráter cotidiano.⁹⁵ Por outro lado, ele faz referência às outras horas, dizendo-as de caráter privado: antes de deitar, à meia noite, ao levantar, e durante o dia, a terça, sexta e nona.

No transcorrer do séc.IV, a oração das horas começa lentamente a se estruturar em diferentes lugares e toma suas formas principais:⁹⁶ a oração da comunidade junto ao bispo e seu presbítero (denominada ofício catedral) e a dos mosteiros (ofício monástico).⁹⁷

No decorrer do séc.IV até o séc VI acontecem as primeiras tentativas de uma organização e, lentamente, a oração das horas ou ofício das horas vai se estruturando. Isto ocorre sob duas formas principais. A primeira como uma oração da comunidade cristã junto ao seu bispo e presbitério, constituindo o ofício catedral e a segunda, a oração nos centros monásticos, conhecido como ofício monástico.⁹⁸

Bento de Núrcia (+547) oferece, no séc.VI, uma estrutura quase perfeita do ofício das horas que compreendia: *matinas*, ofício noturno, *laudes*, *prima*, *terça*, *sexta*, *nona*, *vesperas* e completas.

A influência do ofício beneditino repercutiu também, embora em proporções menores, no ofício catedral. Em todo o caso,

⁹² Matias AUGÉ, *Liturgia-História-Celebração-Teologia-Espiritualidade*, p. 259.

⁹³ ID., *ibid.*, p. 259.

⁹⁴ Idem, p. 259.

⁹⁵ Idem, p. 259.

⁹⁶ Idem, p. 259.

⁹⁷ Idem, p. 260.

⁹⁸ Idem, p. 260.

a distinção entre ofício catedral e monástico desapareceu cedo no Ocidente como resultado da monasterização geral das oração ou ofício das horas.⁹⁹

O ofício catedral¹⁰⁰ tinha o seu eixo centrado na oração da manhã e da tarde. Estes momentos receberam respetivamente os nomes de *Matinas* e *Vesperas*. Isto não impedia os fiéis de serem aconselhados a praticar as *vigílias* de orações nos lares, celebradas nos domingos e dias festivos. Por sua vez, o ofício monástico compreendia, além das orações acima explicitadas, as orações das horas diurnas, hora *terça*, hora *sexta* e hora *nona*, às quais, mais tarde, foram acrescentadas as orações denominadas *prima* e *completas*.

Segundo James F. White, pelo final do Sec. IV, as Constituições Apostólicas instruíam aos cristãos: "Reúnam-se todos os dias, de manhã e à noite, cantando salmos e orando na casa do Senhor".¹⁰¹

Devido à grande sobrecarga imposta na estrutura da *Liturgia das Horas*, a mesma vai desaparecendo como ofício catedral e passa a se firmar unicamente como ofício monástico. Isto ocorreu no decurso dos séc.X-XVI.

No séc.X¹⁰² houve ainda uma tentativa de reavivar esta celebração no seio das comunidades, reduzindo o número de leituras de salmos das *matinas* e limitando a celebração solene às igrejas principais. Mas mesmo assim, as reclamações de sobrecarga continuavam por parte do clero.

Segundo James F. White, Martin Luther, em 1523 e 1526, propôs a volta de duas celebrações diárias: *Matinas* e *Vesperas* a serem feitas nos dias comuns, não festivos. Elas deveriam compreender leituras bíblicas, salmos, cânticos, hinos, Pai-Nosso, orações de coleta, Credo e pregação. Na verdade, a oração pública diária sobreviveu nos círculos luteranos até o final do séc.XVII e, em meios luteranos da Romênia, até o séc.XX.¹⁰³

Ainda de acordo com White, o ofício diário do povo sobreviveu relativamente intacto entre os sírios orientais e armênios e desapareceu lentamente no ocidente, restando apenas o ofício monástico.

⁹⁹ Matias AUGÉ, *Liturgia-História-Celebração-Teologia-Espiritualidade*, p. 261.

¹⁰⁰ ID., *ibid.*, p. 260.

¹⁰¹ James F. WHITE, *Introdução ao culto cristão*, p. 97.

¹⁰² ID., *ibid.*, p. 261.

¹⁰³ Idem, p. 103.

Matias Augé¹⁰⁴ descreve que fatores como a celebração diária completa do ofício (missa), o grande volume de orações, leituras bíblicas e salmos incluídos na liturgia das horas, trouxeram como consequência uma sobrecarga grande ao clero, que não podia atender adequadamente os serviços de cura das almas. Por este motivo, aos poucos, a Liturgia das Horas foi sendo esquecida nas comunidades e se restringindo unicamente aos mosteiros e conventos.

No âmbito da Igreja Católica Romana após o séc.XVI este ofício passou a se manifestar como um rito popular, especialmente como oração do Angelus ou da Ave-Maria, ao nascer do sol, ao meio dia e às 18 horas no entardecer.

Algumas reformas parciais foram proporcionadas por Pio X em 1911 e por Pio XII de 1949 em diante, mas foi o Concílio Vaticano II que assentou as bases para uma autêntica e profunda reforma geral da oração das horas ou *Liturgia das Horas*.¹⁰⁵

Ano litúrgico.

O ano litúrgico, que é celebrado no dia a dia e nas diferentes horas, também se configura a partir de seu próprio conteúdo.

Constitui parte da teologia do ofício que se desdobra por sua entidade teológica e por sua repercussão na organização do calendário que rege o ofício divino de cada dia. O calendário costuma decidir sobre a primazia de uma celebração sobre a outra, do próprio do tempo sobre o santoral, assim como o grau das próprias celebrações. Este último, por exemplo, impede ou deixa livres a recitação do saltério e a leitura continuada da Bíblia.¹⁰⁶

Saltério.

O saltério, segundo o livro de oração comum da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, é um livro de poesia litúrgica.¹⁰⁷

Os salmos são composições religiosas,¹⁰⁸ obras poéticas de alto nível, que estão presentes, seja como elemento de canto seja de oração, em qualquer celebração litúrgica, mas na liturgia das horas assumem um papel dos mais importante,

¹⁰⁴Matias AUGÉ, *Liturgia-História-Celebração-Teologia-Espiritualidade*, p.261.

¹⁰⁵ID., *ibid.*, p. 263.

¹⁰⁶J.A.GOENAGA, *A celebração na Igreja 3*, p.322.

¹⁰⁷IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, *Livro de Oração Comum*, p. 212.

¹⁰⁸Matias AUGE, *op. cit.*, p. 266.

caracterizando-se como oração de louvor.

Desde os primórdios do cristianismo a recitação ou cântico dos salmos, isto é, o uso do saltério, sempre foi o elemento fundamental da oração da Igreja. Houve época em que todos os salmos eram lidos no transcurso de uma semana.

O concílio Vaticano II definiu um período maior do que de uma semana na distribuição dos salmos¹⁰⁹, sendo sugerido um período de quatro semanas.

Entre os meios que ajudam a rezar com verdade os salmos, destaque-se a exposição sobre seu sentido: literal, e cristológico nos lábios de Jesus e nos da Igreja. Também a exposição e os próprios formulários dos títulos (literais e sentenças neotestamentárias) das coletas sálmicas e das antífonas.¹¹⁰

Leituras.

O concílio Vaticano II^o prescreve que “a leitura da Sagrada Escritura seja ordenada a tal modo que os tesouros da palavra divina sejam acessíveis facilmente e em maior profusão”.¹¹¹

Na liturgia das horas, matutina, vespertina e mesmo naquelas de outras horas, recomendam-se leituras curtas¹¹² das Sagradas Escrituras, podendo-se fazer uso inclusive de leituras patrísticas.

A Igreja Católica Romana, após o Vaticano II, reformulou e definiu a nova *Liturgia Horarum*,¹¹³ promulgada em 01/11/1970 e publicada em 11/04/1971, pela Constituição Apostólica *Laudis Canticum* de Paulo VI.

2.6- Lecionário.

É o nome atribuído ao conjunto de leituras bíblicas, previstas para serem lidas nos ofícios dominicais, diários e festivos. Ao longo da história da Igreja, vários foram os lecionários elaborados e utilizados.

¹⁰⁹ J.A.GOENAGA, *A celebração na Igreja* 3, p. 329.

¹¹⁰ ID., *ibid.*, p. 330.

¹¹¹ Idem, p. 331.

¹¹² Matias AUGE, *Liturgia, História, Celebração, Teologia, Espiritualidade*, p. 271.

¹¹³ ID., *ibid.*, p. 263.

Lecionário ecumênico da atualidade.

O lecionário ecumênico, elaborado a partir do Concílio Vaticano II para os ofícios dominicais, é organizado para um ciclo de três anos, denominados: ano-A, ano-B e ano-C.

Devemos ter em mente que o ano eclesiástico começa no 1º domingo de Advento. Por sua vez, o ano-A é aquele no qual o 1º domingo de Advento ocorre quando o ano civil é divisível por três (3) Exemplificando: Ano civil de 2001 dividido por três (3) é igual a 667 com resto zero (0), logo o ano-A começa no 1º domingo de Advento de 2001 e termina no sábado antes do 1º domingo de Advento do ano de 2002. O ano-B inicia com o 1º domingo de Advento de 2002 e termina no sábado antes do 1º domingo de Advento de 2003. O ano ano-C inicia no 1º domingo de Advento de 2003 e termina no sábado antes do 1º domingo de Advento de 2004, e assim sucessivamente.

Por sua vez, o lecionário ecumênico para os ofícios diários é organizado para um ciclo de dois anos, denominados: ano-1(Par) e ano-2(Ímpar). O ano-1 começa no 1º domingo de Advento de um ano par do calendário civil. O ano-2 começa no 1º domingo de um ano ímpar do calendário civil.

Ambos os lecionários especificam o Salmo previsto a ser lido, assim como também a leitura de um texto do Antigo Testamento, o texto de uma Epístola e do Evangelho.

Na agenda, lecionário publicado pela IECLB, é especificado o nome do domingo de acordo com o ano eclesiástico, a cor litúrgica dos paramentos e, ainda, em qual texto é aconselhável se basear a pregação.

Até aqui se fez referência ao lecionário conhecido como ecumênico e à agenda da IECLB. Entre as igrejas luteranas da Alemanha e de outros países, inclusive no Brasil, é utilizado o lecionário, cobrindo um ciclo de seis anos, elaborado pela "Direktion der Evangelischen Brüder-Unität in Herrnhut und Bad Boll", denominado "Senhas Diárias", em português, e "Losungen", em alemão. Este lecionário define três leituras para os domingos: epístola, evangelho e salmo. Para o uso diário ele indica duas leituras: uma do Antigo Testamento e outra do novo Testamento.

2.7- Estrutura básica da Liturgia das Horas.

Acolhida, saudação informal, saudação trinitária, cântico, oração do dia, cântico do salmo (sua recitação ou sua simples

leitura) leitura(s) Bíblica(s) do dia. (Antigo Testamento, e leitura da epístola), cântico de preparação para a leitura do evangelho, leitura do evangelho, pregação ou diálogo em conjunto com a comunidade sobre o texto lido, seja do AT, da epístola ou do Evangelho, cântico evangélico, oração de intercessão, Pai-Nosso, bênção e envio.

Uma outra estrutura poderá ser assim constituída: acolhida, voto inicial, salmos, cântico ou hino, leitura(s) Bíblica(s), leitura breve, reflexão ou meditação, responsório breve, cântico evangélico, glória ao Pai, orações, bênção.

A Igreja Católica Romana, após a Concílio Vaticano II, adotou a seguinte estrutura: Acolhida de chegada, abertura, recordação da vida, hino, salmodia, leitura Bíblica, meditação, cântico do novo testamento, preces, Pai-Nosso, oração, bênção.

Tratando-se de um momento de devoção e oração comunitária, é recomendado que as leituras do salmo, do Antigo Testamento, da epístola e o Evangelho sejam feitas pela comunidade e não por quem está dirigindo ou presidindo a assembléia.

Sendo o ofício das horas, ou Liturgia das Horas uma celebração comunitária, deverá ter por tal razão um cunho altamente participativo por parte da assembléia reunida.

Capítulo III
A PRÁTICA DA LITURGIA DAS HORAS.

3.1- Considerações iniciais.

Este capítulo é relativo à prática da Liturgia das Horas, que também é conhecida como Oração Pública Diária.

Embora hoje seja exercida em horários mais ou menos pré-estabelecidos e fixos, não há restrições que impeçam que esta modalidade de celebração seja praticada em qualquer horário no transcurso do dia.

Um fator importante a ser considerado é que este tipo de celebração, antes de tudo, é comunitário em sua essência e como tal deverá ser formulado e conduzido.

Pelo acima exposto, fica explícito que quem vai modelar a celebração deve ter conhecimento do grupo de participantes, qual o tipo de pessoas que provavelmente irão participar, classe social, grau de instrução, tipo de atividades profissionais, bem como ter ciência de suas dificuldades, seus problemas, seus anseios, suas alegrias, suas vitórias, suas conquistas e suas necessidades espirituais.

O uso destes conhecimentos, importantíssimos, irá auxiliar no sentido de que os participantes presentes, não venham a se tornar simples ouvintes, mas sejam realmente participantes.

Tratando-se de uma celebração litúrgica da palavra, várias atribuições podem, e devem, ser distribuídas entre os participantes, cabendo ao celebrante, a tarefa de orientar e conduzir todo o ato. Uma boa maneira de alcançar este objetivo é fazer uso do responso.

É conveniente recordar que esta celebração deverá se revestir de simplicidade, ser de fácil acompanhamento e assimilação por parte dos participantes.

Outro aspecto a ser lembrado é o da conveniência em manter uma certa homogeneidade nas celebrações, de forma tal que, em curto espaço de tempo, os participantes já saibam automaticamente a seqüência. Com isso torna-se desnecessário o

uso de folhetos explicativos, bastando a Bíblia e o hinário ou livro de cantos. Na prática verifica-se que folhetos explicativos, muitas vezes, atrapalham mais do que ajudam.

O fator mais significativo, e o principal objetivo desta celebração, é possibilitar às pessoas um momento de relação mais íntima e bem pessoal com Deus e suas benesses concedidas. Este ato deve ser feito pela comunidade para recordar que dela, da comunidade cristã, participamos por graça e obra do Triúno-Deus, desde o nosso batismo.

O fato desta celebração ocorrer inicialmente, e mesmo depois eventualmente, com um pequeno número de participantes, isto não deve servir de pretexto para ser abandonada e não ser incentivada, pois trata-se de uma das mais primitivas formas de reunião com objetivo de orar. O importante é ter sempre em mente as palavras do Nosso Senhor Jesus Cristo que assim se manifestou: "Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles" (Mt 18.20).

3.2- Dos horários de celebração.

Segundo James F. White,¹¹⁴ no Séc VI, Benedito estabeleceu o esquema ocidental, que vigorou até pouco depois do concílio Vaticano II, e que tinha a seguinte distribuição durante todo o dia.

Vesperas (ao final do dia de trabalho).

Completas (antes de dormir, antes de se deitar).

Noturnas, Vigílias ou *Matinas* (no meio da noite).

Laudes (ao raiar do dia).

Prima (pouco depois da *Laudes*, antes de iniciar o trabalho).

Terça (no meio da manhã, às 9 horas).

Sexta (ao meio dia).

Noa (no meio da tarde, às 15 horas).

A Igreja Católica Apostólica Romana, após o Concílio Vaticano II, em seu Ofício Divino das Comunidades, estabelece e propõe os seguintes momentos de ofício:

"Para os domingos e dias festivos, o ofício da Vigília. Para todos os dias, o ofício da manhã e o ofício da tarde (*Laudes e Vesperas*)".¹¹⁵

¹¹⁴ James F. WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 99s.

¹¹⁵ IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA, *Ofício Divino das Comunidades*, p. 9.

Martin Luther, que era liturgicamente conservador,¹¹⁶ segundo White, propôs em 1523 e 1526 a volta de duas celebrações diárias: *Matinas* e *Vesperas* em dias da semana não feriados. Elas compreenderiam leituras bíblicas, salmos, cânticos, hinos, orações de coleta, o Pai-Nosso, o Credo e pregação.

A oração pública diária sobreviveu mais tempo em círculos luteranos do que pode parecer hoje em dia. Nos anos de J.S.Bach na cidade saxônica de Leipzig (1723-1750), havia vários cultos de oração a cada dia da semana, além dos ofícios penitenciais ou sermões. Um contemporâneo de Bach pôde exclamar: *Feliz aquele que pode viver numa cidade onde o culto é celebrado publicamente todos os dias.(...) Dresden e Leipzig são afortunadas, porque nessas duas cidades há cultos de pregação e oração diariamente.* Esses cultos somente vieram a desaparecer ao final do século, e em partes da Romênia eles continuaram existindo entre os luteranos até o séc. 20.¹¹⁷

Na IECLB, trata-se de prática pouco conhecida pelas comunidades, embora, em 1991 tenha sido publicada no "Prontuário Litúrgico da IECLB - Celebrações do Povo de Deus" onde há modelos de celebrações, matutinas, vespertinas, em forma falada e cantada.

Em 1999, a Congregação Litúrgica Tefilah da Escola Superior de Teologia da IECLB publicou o "Pequeno Manual de Orações Diárias", que apresenta de forma sucinta, simplificada e prática algumas informações e idéias de conteúdo para a prática de orações públicas diárias, que podem ser celebradas em comunidade, no ambiente familiar ou mesmo individualmente e, mais recentemente, a revista "Tear", publicação do Centro de Recursos Litúrgicos da Escola Superior de Teologia da IECLB, dedicou número inteiro ao assunto Liturgia das Horas.

Celebração de vigília

A vigília foi o primeiro tipo de oração das Igrejas cristãs. As comunidades se reuniam durante a noite de sábado e, especialmente na véspera das festas maiores,¹¹⁸ para orar e partir o pão, ou seja, celebrar a eucaristia. Todos grandes eventos da Igreja começavam na véspera. A vigília é uma celebração mais

¹¹⁶ James F.WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 103.

¹¹⁷ ID., *ibid.*, p. 103.

¹¹⁸ IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA, *Ofício Divino das Comunidades*, p. 9.

longa, que pode durar de 30 a 40 minutos, ou mesmo a noite toda. Neste tipo de celebração, fazemos referência a três em especial. 1) A vigília Natalina, na véspera de Natal, dia 24 de dezembro à noite, 2) A vigília Pascal, de sábado à noite até domingo de madrugada, a qual integra o Tríduo Pascal. 3) A vigília Pentecostal, no sábado à noite que antecede o domingo de Pentecostes.

Dentre essas celebrações, no âmbito da IECLB, algumas comunidades já têm por hábito fazer uma celebração no dia 24 de dezembro, à noite. Bem recentemente foi proposta a vigília Pascal como parte do Tríduo Pascal. Isto resultou de uma pesquisa isolada feita pela diácona Sissi Georg. Dos dados coletados se originou o material elaborado pela diácona, posteriormente publicado pelo Centro de Recursos Litúrgicos da Escola Superior de Teologia,¹¹⁹ o qual pode ser consultado para este tipo de celebração.

Celebração do amanhecer (Laudes)

É o ato celebrado ao amanhecer do dia. O sol vai se levantando no horizonte. Com seus raios de luz ele vai fazendo resplandecer a natureza, as trevas se dissipam, tudo acorda como num renascer para "louvar a Deus, por Cristo Ressuscitado. O sol da Justiça, que enche de luz nossas vidas"¹²⁰ nos trazendo força para o trabalho e disposição para vencermos os desafios e as dificuldades de mais um dia.

Laudes ou oração da manhã destina-se à santificação do período da manhã, relembando a ressurreição de Cristo que ocorreu ao amanhecer, recordando a Criação¹²¹ (manhã do cosmo), entre muitos outros significados.

Celebração do entardecer (Vesperas)

É uma celebração a ser realizada quando o dia vai declinando, o sol vai se pondo, a natureza vai adormecendo, mas nós ainda estamos vigilantes "no brilho da luz que nunca deve se apagar para prestar louvor ao Triuno-Deus".¹²² Oferta-se o trabalho trabalho e coloca-se nas mãos do Criador as preocupações que ficaram irresolvidas no dia que termina. A

¹¹⁹ Sissi GEORG, *Tríduo Pascal*.

¹²⁰ IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA, *Ofício Divino das Comunidades*, p. 9.

¹²¹ V. RAFFA, *Liturgia das horas*, p. 657.

¹²² IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA, op. cit., p. 10.

oração das *Vesperas* ou oração do entardecer é o momento de agradecimento por todas as dádivas e bênçãos recebidas durante o dia e de acolher a paz no repouso que o Senhor nos oferece.

A oração das *Vesperas* ou oração do entardecer comemora o mistério da ceia do Senhor e lembra a morte de Cristo.¹²³ Ela recorda e exprime a espera de um novo alvorecer e a esperança do advento do Reino de Deus.

3.3- Elementos estruturais básicos da Litúrgia das Horas.

Qualquer celebração comunitária precisa um mínimo de estrutura.¹²⁴ Não havendo esta estrutura, digamos básica, corre-se o risco de haver um rito diferente em cada celebração.

Além disso, ainda surge o perigo de ser imposto o próprio gosto do celebrante. A proposta de uma estrutura básica, ao contrário do que se pode pensar, não conduz ao temível e proclamado engessamento.

Chegada e recepção

É recomendável que os participantes cheguem antes do horário previsto para o início e, no seu lugar, permaneçam em silêncio por algum tempo para que, neste silêncio, em profunda meditação, possam usufruir da presença efetiva do Senhor. Outra medida desejada é que os participantes sejam recepcionados por um membro destinado para tal.

Início

Quanto ao início, há duas providências de ordem prática. Primeira, sempre iniciar no horário estabelecido, evitando atrasos por qualquer motivo. Segunda, definir o início da oração com o toque dos sinos, de uma sineta, batendo duas tabuinhas ou qualquer outro método auditivo.

Saudação inicial

O celebrante faz uma saudação informal de boas vindas e, em seguida, profere as palavras de uma saudação de característica trinitária.

¹²³ V. RAFFA, *Liturgia das horas*, p. 658.

¹²⁴ IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA, *Ofício Divino das Comunidades*, p. 10.

Recordação da vida

O celebrante de forma sucinta e objetiva recorda ou relembra:

A vida, os acontecimentos de cada dia, as pessoas, suas angústias e esperanças, suas tristezas e alegrias, as conquistas e revezes da caminhada, as lembranças marcantes da história, da comunidade, das Igrejas e dos povos, os próprios fenômenos da natureza que são sinais de Deus para quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir. Por aí começa a nossa escuta da palavra de Deus.¹²⁵

Hinos e cantos

Para os hinos ou cantos é aconselhável que sejam entoados pela comunidade, e não por um coral ou conjunto vocal. A letra do mesmo, preferencialmente, deve marcar bem claramente a hora do dia, procurando-se ainda que também tenha uma relação com o tempo litúrgico ou com uma festa litúrgica específica, uma data importante para a comunidade ou um acontecimento maior.

Salmos ou Salmodia

O texto do salmo previsto para o dia busca-se de um lecionário, ecumênico ou não. É elemento imprescindível neste tipo de celebração. Da mesma forma, como o hino ou canto, o salmo deve preferencialmente referir-se ao tema específico da celebração ou à hora do dia, podendo ser salmo de louvor, gratidão, exaltação, confissão de culpa, ou ainda, o salmo da semana.¹²⁶

A forma como o salmo é apresentado, na celebração, fica a critério do celebrante ou da comunidade, podendo ser cantado, recitado ou lido. Quando da simples leitura, pode ser na forma contínua ou em modo responsivo.

Leituras Bíblicas do dia

Os textos bíblicos usados podem ser escolhidos no "Lecionário Ecumênico, Dominical ou Cotidiano", baseado no "Ofício Divino das Comunidades" da Igreja Católica Apostólica Romana, no "Livro de Oração Comum" da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, ou no lecionário tradicional da "Herrnhuter

¹²⁵ IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA, *Ofício Divino das Comunidades*, p. 11.

¹²⁶ CONGREGAÇÃO LITÚRGICA TEFILAH. *Pequeno Manual de Orações Diárias*. p. 12.

Brüdergemeinde", este último utilizado pelas Igrejas Evangélicas Luteranas da Alemanha e pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, colocado ao alcance de todos os cristãos nas "Senhas Diárias", publicadas pela Editora Sinodal.

Leitura breve

Consiste na recitação ou leitura de um versículo extraído do Novo Testamento. Pode ser substituída pelo canto de um hino ou mesmo omitida. Exemplos de leitura breve podem ser conferidos em "Celebrações do Povo de Deus".¹²⁷

Silêncio e reflexão

Após um tempo de silêncio, intercalar breves palavras de orientação ou mesmo um compartilhar de reflexões individuais.¹²⁸

Cânticos Evangélicos

São cânticos extraídos do Evangelho de Lucas. Pelo amanhecer (*Laudes*), são usados o *Benedictus* ou cântico de Zacarias (Lc 1.68-79). Ao entardecer (*Vesperas*), usa-se o *Magnificat* ou cântico de Maria (Lc 1.46-55). Para o entardecer ou a noite pode-se fazer uso do *Nunc Dimittis* ou cântico de Simeão (Lc 2.29-32).

Glória ao Pai ou Gloria Patri

O Glória ao Pai ou *Gloria Patri* pode ser recitado ou cantado nas mais diferentes formas encontradas em hinários e livros de oração.

Oração de intercessão

É aconselhável que os participantes façam suas intercessões, porém, é prudente a orientação no sentido de que as mesmas sejam breves e objetivas. O celebrante pode iniciar proclamando intercessões, por exemplo, pela Igreja, pelos governantes, pelos enfermos e necessitados. A comunidade faz seus pedidos e agradecimentos individuais, cabendo ao celebrante

¹²⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, *Celebrações do Povo de Deus*, p. 47s.

¹²⁸ CONGREGAÇÃO LITÚRGICA TEFILAH. *Pequeno Manual de Orações Diárias*, p. 12..

fazer o encerramento do momento de intercessões, convidando a comunidade a orar em conjunto, em voz alta a oração que Cristo nos ensinou.

Pai-Nosso

A oração de intercessão é concluída com as palavras da oração do Pai-Nosso que será orado por todos participantes em voz alta, de pé, mãos postas em atitude de oração ou de mãos dadas ou com as mão estendidas com a palma da mão para cima, a critério do celebrante ou dos participantes.

Bênção e Envio

Podem ser usadas as mais diferentes formas de bênção, o que fica ao inteiro critério do celebrante. A bênção e envio determinam o fim da celebração.

Outros horários de celebração

Além dos horários tradicionalmente recomendados, nada impede que os cristãos tenham momentos de oração na hora *terça* (9 horas), hora média (12 horas), hora *noa* (15 horas) e as *completas* (antes de dormir), seja em comunidade seja em família. Estas celebrações, quando realizadas em outras horas específicas do dia, seguem a mesma orientação geral com relação a sua estruturação.

3.4- Celebrantes, local, símbolos e objetos.

Celebrantes

No início, até que as celebrações se tornem algo inerente à comunidade, é aconselhável que as mesmas sejam dirigidas e celebradas pelo pastor ou pastora. Como se trata de uma celebração comunitária, o pastor ou pastora orientará e escolherá, após algumas celebrações, entre os membros da comunidade, pessoas para assumirem esta tarefa.

É importante considerar que a Liturgia das Horas ou Oração Pública Diária não é uma celebração de caráter estritamente clerical. Antes de tudo, ela é de cunho comunitário, podendo e devendo, portanto ser dirigida por qualquer pessoa, desde que previamente preparada neste sentido.

Local da Celebração

A celebração pode ser realizada em qualquer lugar, desde que seja tranqüilo e comporte adequada e confortavelmente o número de participantes. Tratando-se de uma liturgia da palavra não há nenhuma razão ou motivo para que a mesma se realize em torno da mesa ou de um altar.

Tendo a Liturgia das Horas ou Oração Pública Diária uma conotação altamente comunitária e sendo normalmente realizada em grupos pequenos, este momento de devoção pode ter lugar em uma sala de aula, numa capela, no interior da própria igreja e até mesmo ao ar livre sob as árvores no meio da natureza.

É recomendável, se possível, dependendo do número de participantes, que os mesmos se posicionem de modo a formar um círculo. Eles podem estar sentados em cadeiras, no chão, ajoelhados ou de pé.

Objetos e símbolos.

Objetos obrigatórios são somente uma Bíblia e hinários ou livros de cantos em número suficiente para os participantes. É aconselhável que, por meio de algum símbolo ou sinal, seja indicado o local onde irá ocorrer o momento de oração. Isto pode ser determinado por uma vela ou lamparina que fique acesa durante a celebração. Não é obrigatória a utilização de outros símbolos e objetos, mas nada impede que se faça o uso de um crucifixo, um vaso com flores ou ramos verdes. Seria útil uma mesinha baixa de centro onde os símbolos e objetos sejam colocados. Seria desejável ainda que uma toalha ou pano, que cobrisse a mesa, tivesse uma cor relacionada com o tempo litúrgico.

3.5- Modelos.

Neste item há exemplos de modelos de diferentes celebrações da Liturgia das Horas, tomando-se como referência a hora da celebração, fazendo-se observações e algumas considerações.

Os modelos têm por objetivo dar uma idéia de como se pode moldar este tipo de liturgia, não se tratando de maneira alguma do estabelecimento de uma única forma, o que poderia ser considerado como um engessamento desta forma de celebração. O objetivo é abordar os aspectos e pontos importantes os quais

aconselha-se não serem omitidos.

Abreviaturas utilizadas:

Cel. = Celebrante ordenado ou não.

Com. = comunidade.

3.5.1- Oração ao amanhecer. (LAUDES)

Sinal audível. (Toque dos sinos, palma, pequena sineta, etc.).

Tempo de silêncio.

Cel. Saudação informal.

Com. Aqueles que podem, põe-se de pé.

Cel. Abre, ó Senhor, os nossos lábios.

Com. E nossa boca proclamará o teu louvor.

Cel. Em nome de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Com. Amém.

O celebrante faz a recordação da vida ou proclama um versículo introdutório, por exemplo (Rm 8.28). Pode-se também cantar um hino invocando o Espírito Santo.

Neste momento algum dos participantes acende a vela ou a lamparina.

Cel. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

Com. Como era no princípio agora e sempre e por todos os séculos. Amém.

Com. Leitura do salmo do dia.

Todos. Hino ou canto de um Salmo.

Cel. Oração do dia(lembrar um novo dia).

Aclamação para leitura do Evangelho.

Com. Canta: Aleluia.

Obs.: No tempo da quaresma não se usa a expressão aleluia, a comunidade canta um hino escolhido para o momento ou diz simplesmente "amém".

O celebrante ou algum participante antecipadamente informado, fará a leitura do Evangelho do dia, em conformidade com um lecionário ou guia de leituras bíblicas. É recomendável a utilização do Lecionário Ecumênico ou de outro tradicional.

(Ao término da leitura dizer):

Cel. Palavra do Senhor.

Com. Demos glórias ao Senhor.

Com. Senta-se.

Tempo de silêncio - pequena reflexão que se recomenda ser compartilhada.

Todos. Hino.

- Cel. Recita a Antífona e o canto de Zacarias - BENEDICTUS de forma responsiva, com os participantes(Lc 1.68-79).
- Cel. Oração para consagrar o dia de trabalho e orações de intercessão.
- Com. Aqueles que podem, põe-se de pé.
- Todos. Oração do Pai-Nosso.
- Cel. O senhor esteja com todos vós.
- Com. E contigo também.
- Cel. Bênção final.
- Cel. Ide todos na Paz e servi ao Senhor.
- Com. Demos graças a Deus.

3.5.2- Oração ao amanhecer, abreviada. (LAUDES)

- Sinal audível. (Toque dos sinos, palma, pequena sineta, etc.).
- Tempo de silêncio.
- Cel. Saudação informal.
- Cel. Em nome de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.
- Com. Amém.
- Cel. Proclama um versículo introdutório.
- Todos: Cantam um hino de invocação ao Espírito Santo.
- Neste momento algum dos participantes acende a vela ou lamparina.
- Cel. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.
- Com. Como era no princípio agora e sempre e por todos os séculos. Amém.
- Com. Leitura do salmo do dia.
- Cel. Oração do dia (fazer referência ao novo dia).
Aclamação para leitura do Evangelho.
- Com. Aqueles que podem, põe-se de pé.
- Com. Canta: Aleluia.

Obs.: No tempo da quaresma não se usa a expressão aleluia, a comunidade canta um hino escolhido para o momento ou diz simplesmente "amém".

O celebrante ou algum participante antecipadamente informado, fará a leitura do Evangelho do dia em conformidade com um lecionário ou guia de leituras bíblicas. É aconselhável a utilização do Lecionário Ecumênico ou de outro tradicional.

(Ao término da leitura dizer):

- Cel. Palavra do Senhor.
- Com. Demos glórias ao Senhor.
- Tempo de silêncio e de reflexão interna.

Com. Senta-se.
 Todos. Hino.
 Cel. Oração de intercessão.
 Com. Aqueles que podem, põe-se de pé.
 Todos. Oração do Pai-Nosso.
 Cel. Bênção final.
 Cel. Ide todos na Paz e servi ao Senhor.
 Com. Demos graças a Deus.

3.5.3- Oração ao entardecer. (VESPERAS)

Sinal audível. (Toque dos sinos, palma, pequena sineta, etc.).

Tempo de silêncio.

Cel. Saudação informal.

Cel. Abre, ó Senhor, os nossos lábios.

Com. E no nosso boca proclamará o teu louvor.

Cel. Em nome de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Com. Amém.

O Celebrante fará a Recordação da Vida, ou proferirá um versículo introdutório, por exemplo, (Rm 1.16,17). Pode também ser cantado um hino invocando o Espírito Santo.

Neste momento algum dos participantes acende a vela ou uma lamparina.

Cel. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

Com. Como era no princípio agora e sempre e por todos os séculos. Amém.

Com. Leitura do texto do Antigo Testamento para o dia ou o salmo do dia.

Todos Hino ou canto de um Salmo(pode ser suprimido)

Cel. Oração do dia, agradecimento por mais um dia que passou, lembrando a noite que se aproxima.

Aclamação para leitura do Evangelho ou epístola.

No caso de ser lida a Epístola do dia, a comunidade poderá ficar sentada. Se for feita a leitura do Evangelho, a comunidade fica de pé. Antes da leitura do Evangelho a comunidade canta: Aleluia. Quando da leitura da Epístola, a comunidade canta um hino ou cântico.

Obs.1: No tempo da quaresma não se usa a expressão aleluia, a comunidade canta um hino escolhido para o momento ou diz simplesmente "amém".

Obs.2: Quando da leitura do Evangelho, a comunidade põe-se de pé.

O celebrante ou algum participante antecipadamente informado fará a leitura do Evangelho ou da Epístola do dia, em conformidade com um lecionário ou guia de leituras bíblicas. É aconselhável a utilização do Lecionário Ecumênico ou de outro tradicional.

(Ao término da leitura dizer):

Cel. Palavra do Senhor.
Com. Demos glórias ao Senhor.

Obs.: Se a comunidade estiver de pé, poderá sentar-se.

Tempo de silêncio - pequena reflexão que se recomenda ser compartilhada.

Todos. Hino.
Cel. Recita a Antifona e o canto de Maria "MAGNIFICAT" de forma responsiva com a comunidade. (Lc 1.46-55)
Cel. Oração pedindo a proteção pela noite que se aproxima e orações de intercessões.
Com. Aqueles que podem, põem-se de pé.
Todos Oração do Pai Nosso.
Com. Avisos comunitários.
Cel. O senhor esteja com todos vós.
Com. E contigo também.
Cel. Bênção final.
Cel. Ide todos na Paz e descansai no Senhor.
Com. Demos graças a Deus.

3.5.4- Da oração ao entardecer, abreviada. (VESPERAS)

Sinal audível. (Toque dos sinos, palma, pequena sineta, etc.).

Tempo de silêncio.

Cel. Saudação informal.
Cel. Em nome de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.
Com. Amém.
Cel. Proclama um versículo introdutório,
Todos Cantam um hino invocando o Espírito Santo.
Neste momento algum dos participantes acende a vela ou lamparina.
Cel. Glória Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.
Com. Como era no princípio agora e sempre e por todos os séculos. Amém.
Com. Leitura do salmo do dia.
Cel. Oração do dia.
Aclamação para leitura do Evangelho ou Epístola.
Com. Canta: Aleluia.

Obs.1: No tempo da quaresma não se usa a expressão aleluia, a comunidade canta um hino escolhido para o momento ou diz simplesmente "amém".

Obs.2: Quando da leitura do Evangelho a comunidade põe-se de pé.

O celebrante ou algum participante antecipadamente informado fará a leitura do Evangelho ou Epístola do dia, em conformidade com um lecionário ou guia de leituras bíblicas. É aconselhável a utilização do Lecionário Ecumênico ou de outro tradicional.

(Ao término da leitura dizer):

- Cel. Palavra do Senhor.
 Com. Demos glórias ao Senhor.
 Tempo de silêncio e de reflexão interna.
 Todos. Hino.
 Cel. Oração de intercessão.
 Com. Aqueles que podem, põem-se de pé.
 Todos. Pai-Nosso.....
 Cel. Bênção final.
 Cel. Ide todos na Paz e descansai no Senhor.
 Com. Demos graças a Deus.

3.5.5- Da oração ao anoitecer. (LUCERNARIO)

Trata-se de um rito utilizado pelas comunidades primitivas (At 20.8) quando, ao cair da noite, eram acesas as velas ou lamparinas.

- Sinal audível. (Toque dos sinos, palma, pequena sineta, etc.).
 Tempo de silêncio.
 Cel. Saudação informal.
 Cel. Que a graça e a paz de Deus Pai, o amor de Deus Filho e a comunhão do Espírito Santo esteja com todos vós.
 Com. E contigo também.
 (Acender as velas ou lamparinas).
 Enquanto as velas ou lamparinas são acesas, a comunidade canta seguinte refrão¹²⁹(Taizé)
 Com. Em nossa escuridão,
 acende este fogo que não apaga não,
 que não apaga não;
 em nossa escuridão,
 acende este fogo
 que não apaga não, que não apaga não.
 Em nossa escuridão.

¹²⁹ IGREJA EVANGELICA DE CONFISSÃO LUTERANA DO BRASIL *Celebrações do Povo de Deus*, p. 39.

- Cel. Elevando as mãos, finaliza o refrão, recitando as seguintes palavras:
- Cel. Bendito sejas, Senhor nosso Deus e Rei do Universo, que guiastes Israel, teu povo, [para libertá-lo do Egito,] indo à frente, de dia com uma coluna de nuvem e, de noite, com uma coluna de fogo. Ilumina as trevas do nosso caminho com a luz de Cristo. Porque és misericordioso e amas toda a tua Criação, nós te louvamos, nós te adoramos, Pai,(+) Filho e Espírito Santo.
- Com. Amém.
- Todos, Glória, Glória, Glória a Deus nas alturas. Glória. Glória, paz entre nós, paz entre nós.
- Cel. Bênção.

Como toda a liturgia deve ser moldada, podemos usar outros refrões, assim como outras recitações ao término do refrão, mantendo-se sempre a idéia das trevas sendo vencidas pela luz, da luz a nós concedida pela ressurreição de Cristo.¹³⁰

¹³⁰ IGREJA EVANGELICA DE CONFISSÃO LUTERANA DO BRASIL *Celebrações do Povo de Deus*, p.40.

CONCLUSÃO

Liturgia das Horas. Fenômeno celebrativo de caráter religioso, observado conforme pudemos constatar desde os primórdios da existência do ser humano. A Bíblia desde o princípio nos fala da atitude de oração para louvar, pedir e agradecer a Deus, praticada por parte do homem. Através do tempo o homem procurou definir alguns momentos para esta sua prática, como fez o povo judeu, que, desde o seu primórdio, define tempos ou horários para o louvor a Deus.

No Novo Testamento estes horários são novamente reforçados; Jesus Cristo e seus discípulos faziam uso destes momentos e, depois da morte, ressurreição e ascensão de Jesus aos céus, a prática das orações em horários fixos se tornou comum entre as comunidades cristãs primitivas.

No transcurso da história e do tempo, esta celebração, a mais antiga de todas as celebrações, sofreu transformações, mutações, persistindo e chegando até o dia de hoje.

Este trabalho foi feito com o objetivo de despertar entre as comunidades o importante significado deste tipo de celebração como antídoto para a angústia, insegurança, incerteza, dificuldades de relacionamento familiar, social e profissional a que o homem está submetido em sua vida. Para enfrentar esta situação, porque não implementar gradativamente esta prática de caráter comunitário para benefício dos membros da igreja?

O homem deve ser lembrado de que, em seus momentos difíceis, os seus ancestrais fizeram suas orações ao seu deus, implorando sua ajuda e que, depois de terem recebido o auxílio pedido na oração, eles novamente se voltaram para o seu deuse, e em louvor, agradeceram.

A liturgia das Horas é, em seu todo, uma oração de súplica, de louvor e de agradecimento a Deus criador, ou seja, reúne as bênçãos das quais o ser humano tem necessidade.

BIBLIOGRAFIA

AUGE, Matias. *Liturgia, História, Celebração, Teologia, Espiritualidade*. São Paulo: AM Edições, 1996.

BOISSINOT, Alberto. *O que é a liturgia das horas?* São Paulo: Loyola, 1988.

BORN, A. van den. Oração. In: id. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Petrópolis: Vozes, 1992.

CANALS. J. M. Oração na Bíblia. In: BOROBIO, Dionisio. *A celebração na Igreja*, v. 3. (trad. João Resende Costa). São Paulo: Loyola, 2000.

CASTELLANO. J. Oração e Liturgia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. *Dicionário de Liturgia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992. p. 813-826.

CONGREGAÇÃO LITÚRGICA TEFILAH. *Pequeno Manual de Orações Diárias*. São Leopoldo: EST/Congregação Litúrgica Tefilah, 1999.

GEORG, Sissi. Tríduo Pascal. São Leopoldo: EST/Centro de Recursos Litúrgicos, 2001. (Estudos de Liturgia, 1)

GOENAGA, J. A. Sentido das estruturas da liturgia das horas. In: BOROBIO, Dionisio. *A celebração na Igreja*, v. 3. (trad. João Resende Costa). São Paulo: Loyola, 2000.

GONZÁLEZ, R. A oração da comunidade cristã (Séc.II-XVI). In: BOROBIO, Dionisio. *A celebração na Igreja*. v. 3. (trad. João Resende Costa). São Paulo: Loyola, 2000.

IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA. *Ofício Divino das Comunidades*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1994.

IGREJA CATOLICA APOSTÓLICA ROMANA. *Oração das Horas*. Petrópolis: Vozes, 2000.

IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL. *Livro de Oração Comum*. Porto Alegre: Metr pole, 1999.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Celebra es do Povo de Deus*. São Leopoldo: Sinodal, 1991.

MARTIMORT, Aimé Georges. *A Igreja em Ora o. Introdu o   Liturgia*. Petrópolis: Vozes. 1992.

PIKAZA, Xavier. Ora o. In: SAMANES, Cassiano Floristan, TAMOYO-ACOSTA, Juan-José. *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 539-549.

REYNAL, Daniel de. *Teologia da Liturgia das Horas*. São Paulo: Paulinas. 1981.

RAFFA, V. Liturgia das Horas. In: SARTORE, Domenico, TRIACCA, Achille M. *Dicionário de Liturgia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992. p. 651-670.

WHITE, James F. *Introdu o ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.